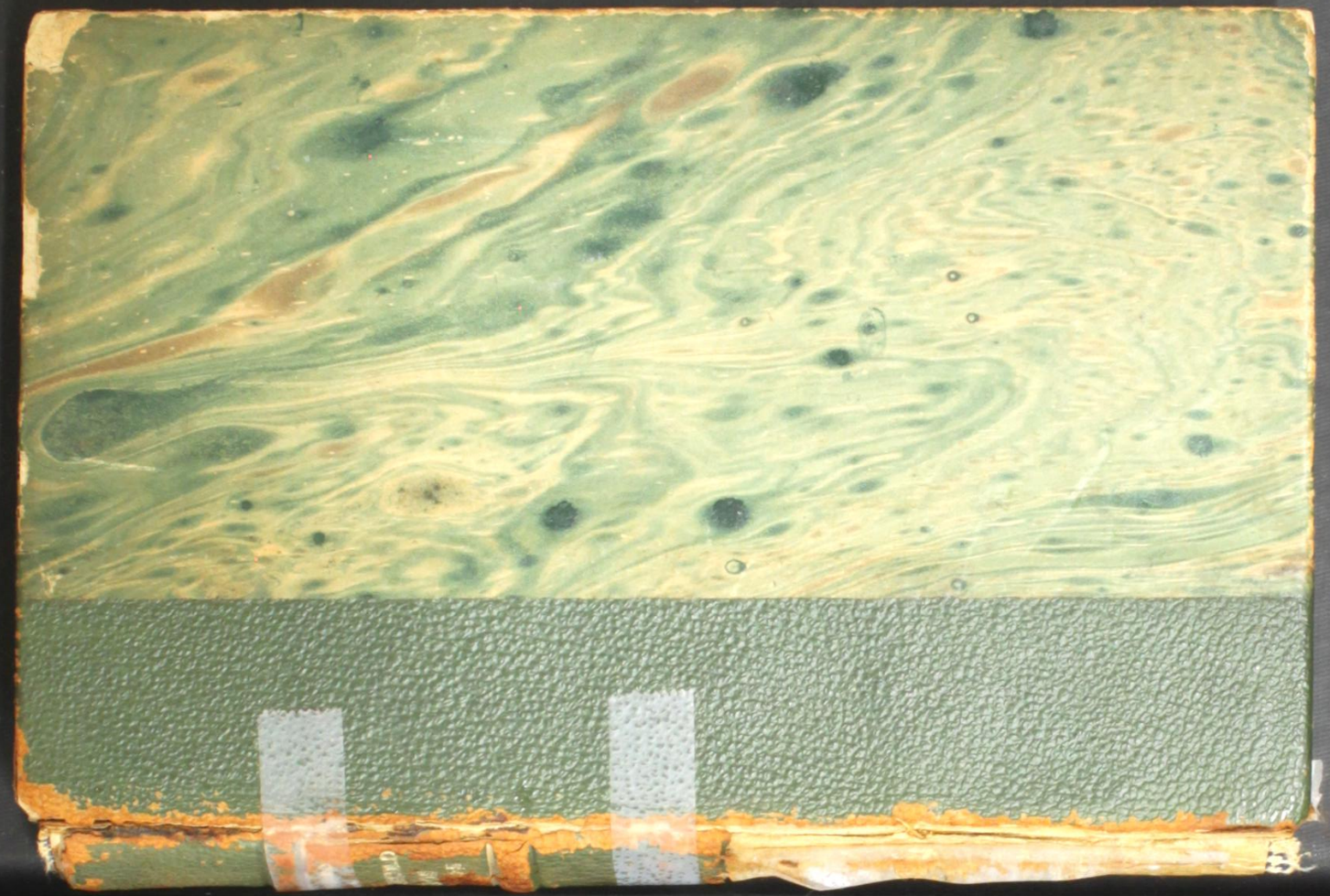


95·2
150

Crepusculo dos Deuses

CASA BOTELHO
Flavio Novaes & C.
Rua Ouvidor 65 - Rio

PROSADORES E POETAS BRASILEIROS

I. JULIO RIBEIRO — *Padre Belchior de Pontes*, romance historico original, nova edição. 600

II. OLAVO BILAC — *Critica e Fantasia*, 1 vol. 800

JOÃO RIBEIRO

Da Academia Brazileira

Crepusculo dos Deuses

CONTOS E HISTORIAS TRADUZIDAS DO ALLEMÃO

LISBOA

Livraria Classica Editora de A. M. TEIXEIRA

20, Praça dos Restauradores, 20

1905

Porto — Imprensa Portugueza — Rua Formosa, 112

Ernst Lenbach

A Tragedia de Romulo Augustulo

A TRAGEDIA

DE

ROMULO AUGUSTULO

Não é nenhuma gloria nacional a modesta *Sociedade litteraria* da cidade allemã de Campo Verde. D'ella não sahiu até hoje um Schiller, um Ulhland ou sequer um Freytag; e se é verdade (como assoalham alguns rapazes) que a litteratura allemã vae hoje por agua abaixo, d'ahi, de Campo Verde não se ha de esperar o Messias. Sem embargo, porém, chegou um certo membro da *Sociedade litteraria* a dar na vista como homem de lettras, e, o que é mais de espantar entre intellectuaes, como homem de negocios. Refiro-me a Romeu Aquario, o auctor da *Tragedia de Romulo* a qual em verdade elle nunca escreveu.

Era Romeu Aquario filho de um mercador de vinhos e de uma comica que até o casamento andara, e nos primeiros papeis, por todos os theatrinhos da Allemanha. Do pae tirou algumas manhas de negociante e da mãe é que houve o nome poetico com que foi á pia e tambem certa queda para o gosto tragico. E ao sahir da casa bancaria (onde com mesquinho salario servia aos interesses do commercio universal) logo á noite se aboletava no quartinho onde morava, fervia a chicara de chá e temperava as salchichas do costume, com o adubo de alguns passos mais fortes de Schiller ou dos dramas de Shakespeare. Esses auctores estavam em exemplares já muito sovados da conhecida «Bibliotheca universal» de Reclam e foram-lhe, largos annos, o unico alimento espiritual. Por fim, amadureceu-lhe no espirito a ideia que esses dous grandes genios com terem chegado á perfeição não haviam acaso esgotado os cabedaes da tragedia e quem sabe? d'elles talvez seria Romeu Aquario o grande continuador e epigono de vulto.

Tanto que acertou n'esse proposito, começou com ordem e methodo a pesquizar um assumpto. Folheiou a memoria e logo se recordou que desde os tempos da escola nada conhecera de mais tragico e lamentoso que a queda gigantéa do imperio romano do occidente. Ainda guardava uns riscos d'essa narrativa em velhas apostillas que antigo mestre lhe havia dictado em linguagem e tiradas do historiador Gibbon; era rascunho ou historia do ultimo imperador, joven, quasi menino, Romulo Augustulo, que reunia em si os nomes dos fundadores da grande nação e a quem o conquistador barbaro poupara a vida e as honras só porque o achara formoso: *quia pulcher erat*. Romeu Aquario mal apenas releu essa historia, traçou o plano da *Tragedia de Romulo*. Esta é que havia de ser a grande obra litteraria da sua vida. E, em verdade, o foi.

Ao primeiro furor do estro, começou a rabiscar ás tontas as folhas do seu velho livro de contas (onde as paginas da esquerda estavam em branco, tirada a linha unica do magro ordenado).

Viu entretanto que lhe faltavam ainda alguns estudos preliminares.

Travou amisade com um joven professor e vinham ambos todos os sabbados á noite á mesa e ao copo n'uma cervejaria. Era este um grande e fero recrutador da *Sociedade litteraria* e logo se apercebendo da falta que ali havia de um dramaturgo, soube communicar o enthusiasmo proprio e assim empurrou o nosso Romeu para aquelle gremio das lettras.

A *Sociedade litteraria* precisava de *quorum*. N'aquella época não teria por ahi duas duzias de socios: uns poucos, eram mestres de escola, os mais dividiam o tempo entre o serviço das musas e a tenda de seccos e molhados. Ajuntavam-se uma vez na semana em sala de hospedaria fumarenta e ahi liam lavores poeticos, entre copos de cerveja e juizos criticos espumantes.

No mez, porém, escolhia-se um dia para a *Grinalda*, com o accrescimo de danças e madamas. Uma vez por outra havia discurso e

já se sabe a materia e o trivial dos themas: «*Sobre o influxo do grande Frederico na litteratura allemã*». — «*De que modo ha de o poeta obrar educativamente sobre o povo*». — «*O assumpto erotico é cousa que a poesia possa escusar?*» — «*Da utilidade pratica da arte do verso*».

O mais facundo e illustre individuo do gremio era o sr. Augusto Vinheiro, homem já entrado em annos e que tinha mesquinho emprego na mesa de rendas, socio honorario de todas as associações da cidade nas quaes era o poeta de occasião. A sua sabença universal contrahia-se n'uma especialidade que era o *Necrologio* dos conterraneos.

Não havia escapar-lhe quem quer que o minimo beneficio fizesse á terra, e só com fugir-lhe, annos antes da morte, poder-se-ia lograr a benemerencia do silencio d'aquelle homem facundo.

Os seus necrologios, já passantes de duzentos (e escriptos em certo genero que o auctor denominava *sonetos*), viram a luz na typographia da folha local, sob o titulo CAMPO-SANTO DE CORÔAS IMMORTAES DA PATRIA. Como poeta e poeta impresso que o

Viu entretanto que lhe faltavam ainda alguns estudos preliminares.

Travou amisade com um joven professor e vinham ambos todos os sabbados á noite á mesa e ao copo n'uma cervejaria. Era este um grande e fero recrutador da *Sociedade litteraria* e logo se apercebendo da falta que ali havia de um dramaturgo, soube communicar o enthusiasmo proprio e assim empurrou o nosso Romeu para aquelle gremio das lettras.

A *Sociedade litteraria* precisava de *quorum*. N'aquella época não teria por ahi duas duzias de socios: uns poucos, eram mestres de escola, os mais dividiam o tempo entre o serviço das musas e a tenda de seccos e molhados. Ajuntavam-se uma vez na semana em sala de hospedaria fumarenta e ahi liam lavores poeticos, entre copos de cerveja e juizos criticos espumantes.

No mez, porém, escolhia-se um dia para a *Grinalda*, com o accrescimo de danças e madamas. Uma vez por outra havia discurso e

já se sabe a materia e o trivial dos themas: «*Sobre o influxo do grande Frederico na litteratura allemã*». — «*De que modo ha de o poeta obrar educativamente sobre o povo*». — «*O assumpto erotico é cousa que a poesia possa escusar?*» — «*Da utilidade pratica da arte do verso*».

O mais facundo e illustre individuo do gremio era o sr. Augusto Vinheiro, homem já entrado em annos e que tinha mesquinho emprego na mesa de rendas, socio honorario de todas as associações da cidade nas quaes era o poeta de occasião. A sua sabença universal contrahia-se n'uma especialidade que era o *Necrologio* dos conterraneos.

Não havia escapar-lhe quem quer que o minimo beneficio fizesse á terra, e só com fugir-lhe, annos antes da morte, poder-se-ia lograr a benemerencia do silencio d'aquelle homem facundo.

Os seus necrologios, já passantes de duzentos (e escriptos em certo genero que o auctor denominava *sonetos*), viram a luz na typographia da folha local, sob o titulo CAMPO-SANTO DE COROAS IMMORTAES DA PATRIA. Como poeta e poeta impresso que o

era, gosava de especial consideração entre consocios e patricios.

Depois d'este, havia um ajudante cu decurião de escola, que pelas cercanias silvestres colhia as flores da poesia popular e as compunha em ramalhetes e disticos, pondo-lhes sempre um fecho moral, e n'este vicio se espojava havia annos. Uma das suas estrophes dizia assim:

Subi ao alto do oiteiro
De lá olhei para o mar
E vi n'um barco velleiro
Tres condes a conversar.

E tambem:

Viajante não vês da terra
A virgem, que está na serra?
Sorrindo, ella os vê passar
Os condes a conversar...

A chave que é da invenção do poeta contém, como de costume, uma advertencia moral importante:

Leitor, ou grande ou pequeno,
Aprende que o mal de amor
Vem de flor...
Mas póde trazer veneno.

Do que, porém, havia mais abundancia no gremio, era do sagrado lyrismo, pelo menos sete a oito dos individuos da sociedade possuiam exemplares do *Livro das cantigas,* de H. Heine, e faziam por onde imital-as. Um velho guarda-do-matto, poeta fossil que se havia crystallisado no periodo plioceno dos ultimos romanticos, de tempos a tempos vinha grave, diluviano, edentado, recitar velharias poeticas onde cães gozos ladravam ao longe e se pintavam paysagens de arvoredo rumoroso, fontes tranquillas e longes de folhagem molle e adormecida.

O que faltava pois ali era o homem forte do drama. Romeu Aquario trazia o encanto da novidade. Eil-o pois a excavar quanto livro de historia lhe deparava o amigo. N'esse labutar acotovellavam-se tantas notas de episodios, escorchavam-se e entremettiam-se tantas datas e reflexões, que de entupido, ao cabo não podia o homem escrever nada. Se

reunisse quanto havia já rabiscado e lançado ao papel, teria já um drama de mais volume que a Biblia ainda que n'esta se incluira toda a materia apocrypha.

N'esse entretempo crescia e voava ingente a fama do poeta. Os socios do gremio litterario desvendavam ás esposas e amigas a historia do drama que ignoradamente se fazia e já as mulheres começavam de notar como era o poeta amavel e sympathico. Começaram os convites para as reuniões familiares, e para as ceias de mais pratos das festas intimas — festas que a doce cabeça sonhadora do futuro Schiller com os seus bigodes arqueiados e a voz musical cheia de poetico arroubo enchia de luz, e isso aprazia ao coração das raparigas. Tambem não se ausentava Romeu Aquario d'esses saráus sem communicar ás damas o episodio da amorosa escrava germanica que se abraça ao pescoço do bello e joven imperador Romulo e, com elle, corre á morte no quinto acto.

Por essa época (grande acontecimento para a cidade de Campo Verde) um casal de principes noivos mimoseou a cidade com

uma visita de duas horas, de caminho para o castello senhorial onde deviam passar a lua de mel. A princeza era parenta do grão senhor da terra e foi pois o prazer grande e a recepção festiva: saudações poeticas na gazeta local de Augusto Vinheiro, arcos de triumpho, intendentes de preto e donzellas de branco, exhibição de todas as associações e entre ellas naturalmente da *Sociedade litteraria*. Repartiu sorrisos gentilmente a princeza, e o principe em uniforme de *ussar* concedeu a graça de alguns cumprimentos á medida que o prefeito lhe ia apontando e dando informes previos e cautelosos sobre as maravilhas da terra.

— Ah! litteratura! (disse o principe para Romeu que ia á frente do seu grupo) é cousa que deve ser prezada e amada. Já ouvi fallar de vós como dramaturgo... Tragedia... Romulos. E com certeza tambem Remus. Assumpto grandioso, este de Romulo.

E a esses ditos ajuntou por seu lado a princeza o gracioso sorriso, tão doce que fez tremer de gozo ao poeta, desde os olhos cabisbaixos aos altivos e erguidos joanetes.

Na relação da festa, na folha de Campo Verde sahiu a noticia e foi lembrado com justiça o episodio: «Ao nosso talentoso conterraneo o sr. Romeu Aquario dignou-se Sua Alteza dizer algumas palavras discreteando sobre o sujeito dramatico *A Tragedia de Romulo* na qual trabalha presentemente o poeta; Sua Alteza fez algumas reflexões de rara finura assim sobre o facto historico como sobre as leis da technica dramatica». O redactor de uma importante folha de fóra, na secção das provincias, annunciou o facto, notando com justiça como digno de menção o phenomeno de um poeta dramatico em Campo Verde e transcreveu a noticia. D'ahi, correu toda a imprensa e o doce nome de Romeu echoou tão longe quanto sôa a lingua allemã.

A consequencia foi que o editor de um almanaque bibliographico litterario pediu para a provincia algumas informações e obteve-as; e eil-o, o nosso poeta no anno seguinte biographado. Romeu comprou o almanaque e leu uma vez, leu cem vezes os dizeres appostos: *dramaturgo; relevantemente na tragedia historica*. Agora, estava escripto e em letra re-

donda; convenceu-se e pôz mãos á obra. Deixou crescer os cabellos, compôz os bigodes e a barba de bico como era o córte da que usava Shakespeare e entrou a empanzinar as gavetas de maçãs podres (tal o fazia Schiller) e entrou a malsinar a escripturação mercantil.

O redactor da gazeta de Campo Verde pediu-lhe um trecho da grande obra inedita. Não se aterrou o auctor da *Tragedia de Romulo* com a empreza e revendo antigos rabiscos do empoeirado diario das despezas, concertou a primeira — ah! até hoje a unica — scena que logo appareceu no domingo alegremente em todas as mesas do café da manhã dos cidadãos de Campo Verde. Esses deliciosos versos quem os não conhece, na pacata cidade? Começam assim:

(Alvores de madrugada. Camara no imperial palacio de Ravenna. Pelas janellas larga vista sobre o mar. Ao longe vê-se a trireme do imperador deslizar vagarosa tendo no mastro as insignias imperiaes. Odoacro fita a trireme e sorri).

ODOACRO

Eil-o por terra jaz o imperio dos romanos
Durou, ao que se diz, uns setecentos annos

E mais cincoenta e tres (e reflictam bem n'isto
Fallo da duração anterior a Christo)!
O ultimo imperador este Romulo Augusto
Vencido foi por mim! mas só raspou o susto,
A vida lhe poupei, a vida e os honorarios
Deixei-lhe mesa e cama e outros extraordinarios.
Venci com fidalguia e generosamente...
Eil-o que ao longe vae na trireme esplendente
Para o cabo Myseno, á quinta de Lucullo...
Imperador no exilio e pouco mais que nullo...
Agora mando eu no profano ou no sacro,
Eu, o potente Rei dos Hérulos, Odoacro.
Ó lá, escravo!

Um escravo, trazendo sobre um prato de oiro uma amphora de Falerno. Odoacro bebe. Depois examinando attentamente.

Tu!
Oh como espantado fico
Pois tu não és Frederico?

THEODORICO

De Campo Verde vim eu...
N'essa terra prazenteira
Amei a bella peixeira
Que me o destino escondeu!

(soluça e chora)

etc.

Esta scena agradou universalmente; mas onde feriu melhor o exito foi exactamente

n'aquillo que o auctor tinha em vistas. Não foi sem proposito que ali mettera a saudade do escravo germano pelos louros anneis da peixeira de Campo Verde. Não se tratava de mera phantasia, como a de Thecla ou outra figura jovial de Schiller. Não! a peixeira vivia, vivia sim trintona e sã, e magnifica, e outra não era que a senhorinha Hulda Cambito, filha do mais rico mercador de peixe de Campo Verde. Não se agastou a mocetona com a allusão poetica e antes quando veio a si do encantamento, mandou ao poeta uma cesta de maçãs do horto paterno — fructas que n'uma das *Grinaldas* da Sociedade lh'o dissera, ao poeta sabiam tão bem como a Schiller. Romeu não tardou em responder em epistola repassada de saudades e adorações e de tal arte se foram as cousas apertando que um dia o velho Cambito achou que bem ou mal convinha abençoar aquillo. Pôz comtudo uma condição: Romeu havia de se despedir da escripturação mercantil (o que de resto odiava) e entrar como socio para o negocio do peixe.

Acquiesceu o poeta e sem tardança e não

teve que arrepender-se da troca. Ao carinho doce, admirativo e amoroso da esposa e ao contacto nutriente dos salmões, arenques e robalos, foi-se-lhe arredondando o tegumento que no adiposo e no polido ia como a lua crescente. Não afogou a vida, porém, na grosseria e interesse do merceeiro. Como d'antes, e agora, de mão commum com a esposa, renovou planos, traças e variantes. Para ambos era a *Tragedia de Romulo* um como armario onde em mil gavetas e escaninhos se punham aqui ou ali a graciosa allusão ou o delicado remoque ás pessoas conhecidas, conforme o grau de benemerencia d'ellas. Aos freguezes cabiam as acções heroicas e generosas; estavam reservados, porém, aos concorrentes do peixeiro os papeis da feia intriga, e os episodios onde não faltavam bem escolhidas atrocidades para caracterisal-os. Com essas praticas innocuas e baratas viviam os dous esposos horas felizes. E nem do povo foi esquecido Romeu Aquario; a gloria continuou, e resplandeceu com o seu drama, luminosa estrella do futuro no firmamento poetico de Campo Verde. A *Sociedade litteraria* fêl-o seu Presidente na morte de Augusto Vinheiro (triste acontecimento quando este perfazia, entre festas, o quingentesimo soneto necrologico), e como tal creou e espalhou pelas villas e aldeias das provincias a liga da *Philocarmina* para ennobrecer e fomentar a maltratada Poesia nacional. Quando um forasteiro acaso vinha bater a Campo Verde, entre as grandes cousas e pessoas da terra lhe nomeavam Romeu Aquario, presidente e director de litteratura.

Assim aconteceu a um jornalista que para uma folha de Berlim escreveu uns *Quadros provincianos*. Estava o pobre homem já ás portas do desespero com doze horas de pousio na cidade, sem descobrir materia por mais reles, para o folhetim; senão quando ouve fallar na *Tragedia de Romulo* e no auctor que fazia parte da honrada firma commercial Cambito & Aquario. Foi quanto bastou. Em duas horas, á luz mortiça da hospedaria, arranjou um folhetim com a veia da phantasia mais solta, e o humor pessimista, satyrico e poetico que

aquelle phenomeno litterario estava a pedir. Pintou solitaria taverna para onde arrastou o dramaturgo de Campo Verde, e entre pescadinhas de bogalho estupido e vidrado e garrafas meias vasias, attribuiu ao poeta ditos picantes e profundos sobre a litteratura moderna e paradoxos que para dizer por conta propria estava a aguardar o inverno proximo. Bellissimo, o folhetim; apenas a carencia de informações fel-o commetter o erro grosseiro de dar por publicada a inedita *Tragedia de Romulo*. A grande circulação da folha semeou esse erro por cem mil almas curiosas e assim cresceu e assim se arraigou e com tal força que um auctor de certa *Histotoria da litteratura* escreveu estas palavras no começo de não sei que capitulo:

> «Não ficara maninho nem esteril, por essa época, o campo do drama propriamente historico» (e aqui uma lista de nomes longa como um trem de ferro, tendo como locomotiva e á frente o nome de Wildenbruch). «Longe do commercio do mundo, e antes n'um recanto da provincia, entre affazeres mercantis, escrevia Romeu Aquario, em Campo Verde, a sua *Tragedia de Romulo*, de grande tomo e executada com a ampla intuição da historia universal».

Erro grave! nada escrevera Romeu e foi isso comtudo a sua fortuna.

Os campos-verdenses nunca lhe exigiram mais que planos e esboços, rascunhos e bosquejos. E isto lhe deu mulher rica e sombra do louro. Ninguem lhe contestou, jámais, a gloria; só uma voz amiga e doce ás vezes, o interrompia quando cahido, absorto, sobre os papeis velhos...

—Vem, Romeu, deixa essa eterna tragedia! Vem jantar, que já estão frias as batatas...

Gottfried Keller

O Desacreditado São Vidal, de Alexandria

..... quem põe o machado á raiz
Das paixões e as destrôe, tem paz n'alma feliz.

Da Imitação de Christo

(trad. de Affonso Celso)

VIDAL,

O

MALAVENTURADO SANTO

Pelos começos do oitavo seculo da nossa era vivia em Alexandria um monge admiravel, de nome Vidal, que se entregou todo á singular tarefa de seduzir quantas mulheres erradas ou perdidas havia, e enveredal-as no caminho da virtude. Os meios, porém, de que se servia eram tão extraordinarios; paixão, amavios e namoros que a toda a hora punha em seus intentos eram tão misturados de humildade e de impostura, que cousa egual jámais a tornou a vêr o mundo. Trazia São Vidal em rolo de ornado pergaminho um registro de todas as hetairas da cidade e tanto que ahi ou nos arredores apparecia qualquer mulherzinha cantoneira a de-

vassar-se, logo lhe tomava o nome e morada, de sorte que para a juventude patricia de Alexandria nenhum mentor mais proprio se lhe depararia, se não tivera o santo outros mais santos propositos. Não cuidava em outra cousa o arteiro monge se praticava com os rapazes, senão em apanhar alguma noticia ou informação nova n'essa materia.

O registro de pergaminho, trazia-o sempre enrolado em pequeno livrinho de prata escondido sob o manto d'onde o tirava innumeras vezes para ajuntar o nome de uma ou outra michela agora achada. E contava as registradas, quantas havia, sommava, comparava-as e ao cabo punha o novo nome.

E logo ia á cata da mulherzinha ás pressas e envergonhado, entre sós, lhe dizia:—Guarda-me o resto da noite de hoje para mim e não o promettas a outrem.

E quando na hora ajustada entrava o monge pela casa maldita, sem inquietar a rapariga, afundava-se para o recanto da alcova, cahia de joelhos e com fervor e altas vozes orava a noite inteira pela dona d'aquelle antro. Pela manhã, logo cedo, se

escapava prohibindo-lhe de revelar o que havia feito.

E assim consumiu alguns annos, d'onde lhe veio triste e desavergonhada fama. Emquanto em segredo fechado na alcova das prostitutas, com o trovão e o calor santo da sua palavra pôde mover e abalar algumas almas degradadas, arrancar do vicio as outras que voltavam arrependidas, cá fóra a fama voava do peccaminoso monge libertino afogado no deslustre da luxuria, enleiado no labyrintho e enredo da vida airada, a arrastar o habito da religião como um trofeu da deshonra.

Se se encontrava em sociedade, desde que se fazia noite, interrompia o commercio da gente honrada, descuidoso, exclamando:

—Ai! que estou a fazer aqui, ainda! Já me ia esquecendo que a minha amiguinha Doris, a morena, está á minha espera! Irra! vou já sahindo...

Se algum reproche lhe faziam, ficava agastado. «Sou eu acaso uma pedra! Cuidaes que Deus tambem havia de negar uma creaturasinha ao pobre monge?»

—«Padre! disseram-lhe uma vez, despi antes esse habito da religião e tomae esposa, porque se não injuria a fé dos crentes.»

—Zangue-se e agaste-se quem quizer, e esmague a cabeça contra as paredes. Quem é o meu juiz?

E fallava assim com o tumulto e a linguagem do que defende um mau negocio com palavras numerosas e atrevidas.

E lá se ia fragueiro pelas portas das femeas a comprar rixas com os seus rivaes, no que não se poupava o pau, e muita vez a bofetada era a resposta, quando gritavam: —«Fóra o padre! até os cabeças rapadas nos querem disputar o terreno! Fóra o *corôa!*»

Mas era o monge tão teimoso e renitente que as mais das vezes tomava o campo inimigo e improvisamente se esgueirava pela espelunca dentro.

Quando voltava á cella pela madrugada lançava-se aos pés da Mãe de Deus, em cujo louvor e honra e galardão, e só por amor d'Ella se dava a essas aventuras, grangeando o desprezo e a desestimação do mundo.

Acontecia ás vezes apanhar a ovelha desgarrada e leval-a arrependida a um santo claustro; então eram grandes os transportes, cria-se abençoado da Rainha dos Ceus, mais do que se convertera toda uma nação de gentios. Por seu proprio gosto havia escolhido aquelle tremendo Martyrio de parecer aos olhos do mundo um grande perdido e corrupto, emquanto a Virgem castissima do ceu bem o sabia que as mãos do monge nunca tocaram uma mulher e áquella cabeça onde choviam tantos ultrages e descreditos, rodeava-a uma corôa de rosas brancas invisiveis...

De uma feita ouviu o monge fallar-se de pessoa singularmente perigosa, que pela formosura e desregramento já tinha desencadeado muitos males e até feito derramar sangue quando fogoso e cruel guerreiro que lhe assediava a porta, entrou em disputa com outros pretendentes. Aprêstou-se Vidal e sem demora para tomar de assalto essa fortaleza do inferno e vencel-a. Nem tomou tempo em registrar-lhe o nome no pergaminho e fez rumo certo á casa indicada, e foi o caso que se encontrou com o soldado que

vestido de escarlate e com uma lança á mão, rondava a porta.

—Põe-te ao largo, meu padreco! (disse com desdem ao piedoso monge) como te atreves, a rojar junto a essa minha caverna de leão! Para ti ha o ceu, para nós outros o mundo.

—Ceu e terra (disse Vidal) e tudo quanto n'elles existe pertence ao Senhor e aos seus alegres filhos. Retira-te, camponio enfeitado, deixa-me ir aonde me apraz.

Colerico, arremetteu com o dardo para abatel-o sobre a cabeça do monge quando este sacando de sob a estamenha um galho de pacifica oliveira, aparou o golpe, e tão forte pancada vibrou na fronte do espadachim que este esteve por perder os sentidos e ainda esmurrou-o nas ventas até que o misero soldado atordoadamente sahiu arrenegando da liça.

Assim se esgueirou Vidal pela casa dentro onde no alto de estreita escada, ao ouvir tanto vozerio, estava a mulher com a lampada na mão. Era uma grande figura robusta e solida, de gesto bello e arrogante d'onde

em roda cahiam em ondas rubras os cabellos como uma juba de leão.

Baixou os olhos desdenhosa sobre Vidal, que subia, e disse:

—Aonde vens?

—A ter comtigo, minha pombinha! acaso nunca ouviste fallar do suave e alegre monge que eu sou?

Só com o mover-se a poderosa estatura, tomou a passagem da escada:

—Que dinheiro tens tu?

—Um monge, disse Vidal um pouco enleiado, um monge não traz nunca dinheiro.

—Põe-te pois no olho da rua ou te escorjo com um tição de fogo.

Perplexo e a coçar as orelhas ficou o monge que por essa não esperava; outras rameiras não lhe pediram jámais a paga do peccado e só com palavras vis e affrontosas se cobravam do estorvo e tempo perdido. Sentiu agora que não podia ali ficar nem levar a cabo a sua obra pia; mas excitou-o sobremodo essa esplendida ruiva e ignivoma filha de Satan que havia mister domar: n'ella era grande a força de seducção sobre os sen-

tidos que se levam sempre por essas pompas exteriores. Ainda perturbado apalpou o habito d'onde tirou o livrinho de prata cravejado de preciosa amethysta:

—Não tenho mais que isto, disse o monge. Deixa-me entrar.

Tomou ella do livrinho, mirou-o e convidou o monge a seguil-a. Desde que chegaram á alcova não lhe pôz mais os olhos Vidal e segundo o seu costume cahiu de joelhos a um canto do aposento e tremulos os labios a ferver, orou em altas vozes.

A hetaira que suppunha ao monge, talvez o piedoso costume de fazer preceder o gozo carnal de uma oração, desatou a rir desenfreadamente e sentou-se no leito para olhal-o tanta graça achava na compostura e gestos do santo homem. Essa historia, porém, não parecia acabar mais e começava a enfastial-a; deixando cahir impudica as roupas até meio corpo, os hombros nús, encaminhou-se para o monge e abarcando-o com os braços fortes e brancos constringiu a tonsurada cabeça contra as inconhas opulencias dos seios e o monge sem ar, suffocado, bramia e urrava

como se estivesse mettido no fogo do purgatorio.

Sem que durasse esse supplicio muito tempo entrou o monge a remoinhar e a dar com os pés como besta nova no ferrador até que afinal se desvencilhou do assedio infernal. E então tomando dos cordões do habito dominou a mulher e algemou-lhe as mãos por detraz das costas e luctando e luctando conseguiu subjugal-a; mais, acorrentou-lhe os pés e com forte arremesso pegando do corpo da hetaira atirou toda essa massa do peccado sobre a cama. Feito o que, voltou ao canto da alcova e como se nada houvera passado, continuou fervoroso a oração interrompida.

A leôa algemada começou desinquieta a estrebuchar por ver-se livre das cadeias e da bocca lhe sahiram palavradas obscenas, rascoices immundos. Mas foi-se acalmando aos poucos emquanto o monge prégava, conjurava, orava, exhortava até que, ó santa maravilha! já pela madrugada, n'ella começaram a desabrochar fundos suspiros entrecortados de ranger de dentes...

Ao romper da manhã cahia aos pés do

monge como a Magdalena arrependida, agora liberta das cadeias, e banhando de lagrimas a fimbria da estamenha do monge. Com dignidade e amor o santo anediou-lhe os cabellos e prometteu voltar ao proximo anoitecer para dar-lhe a grata nova de um claustro e da cella de penitencia onde haveria de lavar-se o resto da vida de tão horrendos peccados.

E lhe pediu que nada revelasse do estranho caso, d'essa espantosa conversão, e não dissesse outra cousa senão que o monge era tão jovial como o commum dos clientes do vicio.

Mas qual não foi o espanto do pobre homem quando, apparecendo na hora aprazada, viu fechada a porta, e na janella, enfeitada com todos os arrebiques, o demonio da peccadora.

—Que queres, tu, padre? disse ella do alto.

—Assim é que tratas ao monge, minha ovelhinha! Fóra com essas lantejoulas do peccado e anda a preparar-te para a penitencia...

—Se queres entrar, ó padre malaventu-

rado (disse ella rompendo n'uma gargalhada como se o não entendesse), puxa pelo dinheiro ou cousa que o valha.

De bocca aberta e attonito ficou Vidal por algum tempo; logo depois arremetteu contra a porta que estava e ficou fechada. E a mulher desappareceu da janella.

As risadas e o espanto dos transeuntes em remoque ao monge ao parecer tão licencioso e desavergonhado, fizeram-n'o arredar-se d'ali, da malsinada casa. Só no entretanto pensava e aspirava entrar n'aquelle antro para arrancar ao demonio aquella alma possessa.

E com essa ideia entrou n'uma egreja proxima onde, em vez de orar, scismava nos meios e caminhos de chegar até junto d'aquella perdida; n'esse momento cahiu-lhe o olhar sobre a caixa das esmolas; e logo que se fez noite, vasia e solitaria a egreja, o monge arrebentou o escrinio sagrado e despejou no concavo habito, que ageitara arregaçando-o, as moedas de prata, obulos da caridade, e partiu rapido, como um namorado, para a casa da meretriz.

No momento em que ia um janota a entrar na espelunca, o monge, afastando-o, adeantou-se-lhe pela porta dentro com surpreza da prostituta, que de olhos fulvos e felinos esperava o casquilho. Vidal foi logo pondo o dinheiro sobre a mesa...

—Creio que basta por essa noite...

—Basta, de certo, respondeu ella depois de contar mentalmente as moedas e pôl-as de parte.

Ahi está ella, extraordinaria, deante d'elle. Devorava o riso mal contido como ignorando o que havia feito, e o monge, mirando-a com pesaroso e incerto olhar, não sabia como fazer para iniciar a exhortação. Quando ella, porém, se achegou com os seus sorrisos e lhe passou a mão pelas negras e luzentas barbas, ahi lhe estalou furiosa a santa tempestade do coração, e o monge, como da outra vez, em lucta, jungidos os dois corpos, atirou a meretriz sobre a cama, que estremeceu, e segurando-lhe as mãos e dobrando os joelhos sobre ella, alheio aos terriveis encantamentos, começou tranquillo a sua prédica. E parecia que a dureza e obstinação d'aquella alma, afinal, começara a amollecer-se.

Nos grandes esforços para libertar-se corriam dos olhos d'ella e pelo bello semblante grossas lagrimas abundantes, e quando o zeloso servo de Deus a deixara livre no leito, viu-se a grande estatura da peccadora jazer immota, distendidos os lassos membros, como tocada de amargura e arrependimento, soluçando e voltando apagados os olhos, maravilhada de tamanha e tão involuntaria metamorphose.

Tambem se mudava a irada tempestade do monge em suave doçura e intima misericordia; orava elle á grande Protectora do Ceu, em cuja honra se consummava aquelle difficilimo triumpho, e agora as suas palavras fluiam sem ira, lenessimas, consoladoras como aura branda de primavera sobre o gelo desfeito d'aquelle coração.

E d'ali sahiu, alegre, como se tivesse fruido a maxima fortuna, apressado, não para achar no rude catre o somno da hora que ainda restava á noite, mas para empregal-a deante do altar da Virgem, orando pela alma

arrependida, até que o dia se abria esplendido, e prometteu não mais pregar os olhos sem que antes tangesse ao redil de um claustro a ovelha tresmalhada.

Apenas, pois, surgira o dia, tomou o caminho da espelunca e logo avistou ao fim da rua o rude guerreiro que vinha, apoz uma noite licenciosa, meio bebedo, com o plano de conquistar a hetaira.

Vidal acercou-se da porta, agil, para tomal-a, quando o soldado arremessando a lança foi esta pregar-se no frontal da porta que estremeceu com estrondo.

Arrancou-a Vidal, antes do outro, com toda a força, e manejando-a como um relampago, varou o peito do soldado, que cahiu morto. N'um instante achou-se Vidal cercado da tropa que voltava da ronda nocturna e que assistira ao successo; foi preso, acorrentado e arrastado ao carcere.

Cheio de tristeza olhava o monge para a casinha onde não havia ainda consummado a sua boa obra: notaram os vigias que o preso lamentava apenas o desastre que o fizera perder a amorosa aventura e maltrataram ao

licencioso monge, com doestos e pancadas, até á prisão.

. . . . . .

Ahi jazeu longos dias, e foi por muitas vezes apresentado ao juiz. E em verdade foi solto e sem castigo, pois que quanto fez só o fizera em defeza propria. Comtudo, sahiu de qualquer modo, d'esse negocio, com a pecha de assassino, e todo o mundo bradava que se lhe devia despir o habito de religioso. O bispo João, que n'aquella época superintendia o Egypto, fosse presentimento de virtude, ou cogitação de mais nobre intento, não quiz ceder e recusou-se a arrancar o malsinado monge do clero e antes recommendou que, sem desesperar d'elle, o deixassem ir o seu caminho.

* * *

Sem tardança volveu o monge ao caminho antigo da peccadora, que já se afundara de novo na crapula. E ao lastimoso servo de

Deus só se lhe abria a porta quando trazia algum furto precioso. A meretriz arrependia-se e convertia-se pela terceira, quarta e quinta vez... pois não achava talvez de somenos lucro essas conversões, mais rendosas que as outras; e, sem duvida, ainda em cima se aprazia o espirito do mal em escarnecer do monge com essas variadas manhas e artificios.

Este era agora, e a todas as luzes que se encare, um verdadeiro e incomparavel Martyrio. Já lhe pesavam ás costas o homicidio, a simonia e o roubo. Mas preferia o monge que lhe cortassem as mãos, a renunciar a uma só parcella de sua má fama de crapuloso; e se tudo isso ao cabo lhe haveria de ir doendo mais e mais no coração, mais se extenuava em conservar essas terriveis apparencias com a sua frivolidade mundana. Entretanto iam-se-lhe as côres e emmagrecia; mas com o rir nos labios, passava, ia e vinha, arisco, fugidio, como uma sombra a bambalear pelas paredes.

Agora em frente á casa da provação morava um rico mercador da Grecia com uma

filha unica de nome Yola, a qual, podendo fazer quanto quizera, não sabia ao certo como encurtar os longos e aborrecidos dias. Por esse tempo o pae, já retirado dos negocios, estudava Platão, e quando cançado de philosophia, compunha e gravava graciosos epigrammas sobre antigas gemmas preciosas que havia reunido: e tinha-as a rodo. Por sua vez Yola, quando fatigada da cythara, sem saber para onde voava o pensamento, olhava inquieta o ceu e o horisonte, por onde podia enfiar-se a vista.

Assim foi que descobriu ella o continuo andar do monge por aquella rua, e veio a saber da condição do mal afamado religioso. Com espanto e horror, do seu esconderijo o via passar, mas não podia impedir-se de lastimar aquella soberba figura bella e viril. Quando, porém, por uma escrava que mantinha commercio com a escrava da meretriz, veio a saber da verdade verdadeira e do escarneo com que se enganava ali ao monge, subiu o espanto além de toda a comparação, e, bem longe de admirar aquelle martyrio, deixou-se Yola arrebatar da ira e julgou que

essa casta de santidade não era util nem salutar á honra do seu sexo. Meditou um pouco este caso e sahiu-se mais descontente, ainda que ao mesmo tempo com esta ira se cruzava certo interesse e mais funda sympathia pelo monge.

De subito, tomou orgulhosa a resolução de por si metter hombros á empreza de salvar a extraviada, já que a Virgem Maria não o soubera fazer (e n'isto nem suspeitava que estava sendo o inconscio instrumento com que agora ia intervir a Rainha dos Ceus). Immediatamente dirigiu-se Yola ao pae, queixando-se amargamente do deslustre de tão má visinhança e conjurou-o, com qualquer sacrificio dos seus cabedaes, a afastar d'ali aquella perdida.

O velho logo procurou, segundo o conselho, a meretriz e offereceu-lhe certa somma pela casa, pondo a condição de abandonal-a sem perda de tempo e afastar-se d'aquelle bairro. Nada melhor queria a rameira, que n'essa mesma tarde se escapou. O velho, livre já d'essa aborrecida historia, voltou tranquillo ao seu interrompido Platão.

Com grande zelo mandou Yola despejar a casa de alto a baixo e do quanto podesse lembrar a antiga inquilina, e quando foi bem varrida e limpa mandou queimar o perfume de especiarias, que em rolos de nuvens voavam das janellas.

E então na vasia alcova apenas se lançou um tapete, e para ahi trouxeram apenas uma lampada e um pé de roseira em flor; e quando o pae da moça recolhia para dormir, sahia ella de casa, enfeitada com uma corôa de rosas brancas, e vindo para a nova habitação deitava-se, sósinha e Deus, sobre o tapete, emquanto dois servos fieis velavam á porta da rua.

A estes incumbia recusar entrada aos noctivagos, mas logo que avistassem Vidal tinham ordem de occultar-se e deixar-lhe livre passagem. E assim logo succedeu. Vidal, suspirando, subiu a escada com receio de mais uma decepção, mas cheio de esperanças de salvar pelo arrependimento aquella creatura, que tanto o estorvava na salvação d'outras.

Mas qual não foi o seu espanto quando ao penetrar na alcova, agora despida de todas

as mimosas bagatellas e ninharias da leôa ruiva, se lhe deparava, em frente de uma roseira e reclinada sobre um tapete, aquella outra doce, delicada e gentil figura...

— Onde está a malaventurada que aqui morava? perguntou admirado, e encarando a suave apparição que surgira deante de si.

— «Foi-se para o deserto (respondeu Yola), e a fazer-se eremita. De repente como que se lhe aclarou a consciencia e clamava por um certo monge Vidal, a quem o espirito attribulado não pôde por mais tempo esperar. A louca apanhou tudo quanto tinha e vendeu e deu o dinheiro aos pobres, e em seguida, mettendo-se em grosseira estamenha, de cabellos cortados e com um bordão, alongou-se d'aqui para o deserto...»

— Louvado sejaes, Senhor, e a vossa divina Mãe! exclamou o monge juntando devotamente as mãos, sentindo alliviar-se-lhe o coração de um grande peso.

E ao mesmo tempo reparando melhor na mocinha enfeitada de rosas:

— E porque disseste tu: «a louca! quem és? d'onde vens? e que esperas?

Yola pregou os negros olhos no chão, acurvou-se; queimava-lhe o rosto o rubor da vergonha, sentindo o pudor d'aquillo que sem recato havia de dizer deante de um homem.

— Eu sou, disse afinal, desherdada orphã que já não tem pae nem mãe. Esse tapete, essa roseira e essa lampada, são os ultimos remanescentes da minha herança, e aqui me aposentei para começar a vida que a outra, antes de mim, abandonara...

— Tu? como assim? gritou o monge batendo ambas as mãos. Olha-me, vê como é diligente o demonio! E esse ingenuo animalsinho que és, dizes-me taes cousas tão serenamente... que pretendes tu, dize-me ainda uma vez?

— Quero consagrar-me ao amor e servir aos homens, emquanto essas rosas vivam, disse, e apontou rapidamente a roseira.

Mal o disse, porém, quasi baqueou ao solo toda cheia de vergonha e escondeu o rosto — e essa pudicicia natural aproveitou-a a astuciosa creatura, pois convenceu ao monge de que havia ali infantil innocencia, que

por artes de Satan se aprestava a saltar com ambos os pés na profundeza do abysmo.

Começou o monge a alisar a barba, alegre de haver chegado a tempo justo, e, para gosar vagarosamente a intima satisfação, disse, lenta e jovialmente:

—E depois... minha pombinha?

—Depois naturalmente descerei aos infernos, onde reina a bella Venus ou, quem sabe? se encontrar um conversor, talvez, arrependida, me faça monja!

—Muito bem! cada vez melhor! eis um bello plano estrategico! e não está mal engenhado. Quanto ao conversor, está elle já aqui, deante dos olhinhos negros da presa de Satan, e quanto ao claustro está armado como uma ratoeira, apenas é preciso lá cahir já, limpa de peccado. Sem peccado, entendes? sem peccado até no proposito de lavar com arrependimento toda a vida, e só assim fôra util, sem o que serias, de mais, comica e burlesca no papel de Magdalena. Agora, porém (e aqui se tornou serio o monge), antes de tudo despe a cabeça d'estas rosas e ouve.

—Não! disse ousadamente Yola. Prefiro

primeiramente ouvir e depois talvez tire as minhas rosas. Já que venci meus escrupulos de mulher, não bastam palavras para desviar-me, antes que eu conheça o peccado; além de que, e entrego á tua meditação, sem peccado não póde haver arrependimento. Apesar d'isto, posso ouvir-te.

Começou então Vidal, como de costume, as palavras fervorosas da conversão. A mocinha ouvia-o, doce e attenta, com um olhar que emprestava maior eloquencia ás palavras do monge, sem que este percebesse quanto a belleza e ternura da menina lhe subiam o quilate da prédica. Como, porém, a rapariga sabia que nada era real e serio nos propositos com que o enganara, a força da prédica não a abalava. E, ao contrario, amavel sorriso contrahia-lhe a bocca; e quando o monge terminou, fatigado, a limpar o suor da fronte:

—Não estou bem convencida das tuas palavras, disse Yola, e não me arredarei do proposito que já tracei; sou curiosa e quero conhecer o prazer e o peccado.

Ficou Vidal estarrecido e sem saber o

que dizer. Era a primeira vez que a sua arte de prégar levava o mais redondo quinau. E pôz-se a andar pela alcova, de um lado para outro, entre reflexões e suspiros. Olhou, ainda uma vez, aquella pequena aspirante do inferno. Pareceu-lhe ali haverem-se reunido para contrarial-o, de singular maneira, a força do demonio e a da innocencia. E com paixão ainda maior, deliberou que havia de vencel-as a ambas.

—Não arredarei o pé d'aqui (disse elle), ainda que gastara tres noites e tres dias, sem levar o teu arrependimento.

—Isso me faria ainda mais insensivel, respondeu Yola. Vou pensar sobre o caso e ainda te espero na noite proxima. Desponta o dia, vae-te, não reveles cousa alguma e prometto conservar-me pura, como ainda estou, até á tua volta pela alta noite.

—Seja! disse Vidal, que se foi embora.

Em breve Yola passou-se á casa paterna.

Dormiu apenas algum tempo e esperou a noite, impaciente, pois já se sentia fascinada pelo monge, agora de perto mais bello que de longe. Vira-lhe o fogo ardoroso do olhar

e, sem embargo das vestes, a esbelta firmeza dos movimentos. E então, ao representar no espirito aquelle homem tão bello, na renuncia de si mesmo e na perseverança do seu ideal, procurava, embora enganosamente, tel-o ao pé, para satisfação dos sonhos d'ella. E assim, ao cabo, queria transformar o bom do martyr em mais excellente esposo.

Na noite seguinte, Vidal achou-a na mesma postura sobre o tapete, e ainda não foi menor o seu fervor, e assim ficaria perpetuamente se não tivera de ajoelhar-se para uma oração. Yola, porém, procurou melhor conforto, alevantou um pouco o tronco, cruzou os braços em redor da cabeça, e, de olhos semi-cerrados, olhava fixamente o monge. De vez em quando fechava os olhos como em somneira, e Vidal, se o percebia, tocava-lhe com o pé para espertal-a. Esse expediente logo se foi abrandando, porque, notou, mal o pé tocava o esbelto flanco da moça (ainda que contivesse o impulso e só de leve a attingisse), electrica corrente de rara sensação abrazava ao monge, subindo por elle todo, como nunca lhe havia succe-

dido, nem de longe, no trato com outras peccadoras.

Pela manhã já, de instante a instante, Yola cabeceava de somno. E, contrariado, disse Vidal:

—Já não me escutas mais. Dormes e estás indifferente...

—Ainda não (disse ella abrindo os olhos, distendendo-lhe o rosto um sorriso suave como o alvor da manhã), prestei toda a attenção e agora, com effeito, odeio aquelle misero peccado, tão feio para mim como repugnante para ti; pois outr'ora nada me aprazia mais do que aquillo que odiavas.

—É certo? exclamou elle cheio de alegria. É pois certo que venci? Vem comigo, levar-te-hei ao claustro, aonde estejamos seguros da tua conversão. Mister é molgar o ferro emquanto está quente.

—Não! não comprehendeste o que eu quero dizer, respondeu-lhe Yola, córando e abaixando os olhos; digo que estou enamorada de ti e que te amo...

Vidal sentiu n'esse momento como uma mão de ferro a abater-se-lhe forte no coração.

E ali ficou angustiado, com a bocca e os olhos desmesuradamente abertos.

E Yola, enrubescendo mais ainda, foi ajuntando em voz branda, baixinho:

—Agora, livra-me d'esta grande desventura, afasta-a de mim, liberta-me, tanto póde a tua graça, d'essa tentação! d'esse amor!

Sem dizer palavra, recuando, sahiu Vidal, precipite, ás carreiras, d'aquella casa. E lá se foi pelo lusco da madrugada sem buscar o repouso da cella; e esteve a pensar se devia deixar aquella suspeita creaturasinha entregue ao proprio destino ou tentar arrancar-lhe aquelle ultimo capricho, que para elle era cousa terrivel e consideravel e para ella talvez insignificante e sem perigo. E um rubor de colera lhe afogueou ao pensar que tal cousa, mesmo para elle, fosse perigosa. E depois reflectiu que ao pobre havia o Demonio atirado aquella rede de insidias, e sendo assim, o mais avisado seria fugir, emquanto era tempo. Elle, desertor deante um graveto de espectro satanico!

E se a rapariga fallara com sinceridade e se algumas palavras rudes e fortes bastariam

para cural-a d'essa phantasia? Em summa, não assentava Vidal em cousa alguma e, tanto menos quanto no mar da sua alma, uma grande onda escura fazia balouçar o pequenino batel do entendimento.

N'estes apertos foi-se arrastando o monge para uma egreja onde, havia pouco tempo, a um velho marmore, estatua de Juno, haviam sotoposto um resplandor e transformado a deusa antiga na Virgem Maria, para não perder-se a obra d'arte preciosa. Deante d'essa estatua da Virgem lançou-se prostrado o monge, expondo as trevas de suas duvidas e exorando um signal que o esclarecesse.

Se a imagem, abaixando a cabeça, dissesse *sim*, iria continuar a conversão de Yola, e se *não*, não.

A estatua, porém, deixou-o lastimosamente incerto, sem inclinar nem sacudir a cabeça. Mais não viu que um roxo clarão de nuvens da alva, que iam passando no ceu matutino, lampejou sobre o marmore e accendeu no rosto da imagem um sorriso propicio; ou era a deusa pagã, protectora da procreação e da fecundidade, que revivescia,

ou era a nova deusa dos christãos que sorria da angustia do seu servo. Ao cabo, pois, Juno ou Maria, eram ambas mulheres, e certo deviam sorrir tratando-se de uma questão de amor.

Não aproveitou, pois, Vidal com essa experiencia, e, ao contrario, a belleza da imagem se foi desenhando pouco e pouco e cada vez mais rubente se foi assemelhando a Yola, córada como ella, quando lhe pedia de arrancar-lhe do peito a criminosa paixão...

N'aquelle momento, nos seus jardins, passeava sob os cyprestes o pae de Yola, o mercador grego; havia obtido novas *stellas* e gemmas, cujas esculpturas o faziam assim madrugar. Contemplava-as enthusiasmado, expondo-as ao sol nascente. Uma d'ellas era uma amethysta toda negra, na qual a deusa Luna se via conduzindo o luminoso carro pelo ceu, sem se aperceber que atraz se escanchava um Cupido; outros amorsinhos em chusma diziam em grego: «Na garupa, já vae um». Outra gemma era um esplendido onyx, representando Minerva, distrahida, tendo nos

braços Amor, que esfregava e brunia a couraça da deusa para mirar-se como n'um espelho. Em outra pedra, n'uma cornalina, era ainda uma vez Amor, como salamandra, a saracotear nas chammas de uma lareira vestal, pondo a vigilante sacerdotisa em confusão e terror...

Estas scenas davam estro e inspiração ao velho mercador poeta para escrever os seus disticos, e estava elle n'essa occasião indeciso, sem saber por onde começar, quando lhe entra pelo jardim, pallida, de olhos pisados e desfeita, a amada filha Yola. Inquieto e surpreso, perguntou o que lhe havia roubado o somno. Antes, porém, que ella respondesse, mostrou-lhe a preciosa gemma e explicou-lhe o sentido.

Então Yola, com um profundo suspiro:

—Ah, exclamou, se todas essas grandes e summas Forças, a Castidade, a Sabedoria e a Religião, não se poderam preservar do Amor, como haveria eu, misera creatura, de me defender contra elle?

Não pequena admiração do velho ao ouvir taes palavras.

—Com que então, pelo que dizes, o forte Eros feriu-te acaso?...

—Sim, e mortalmente. Se dentro de um dia e uma noite não fôr meu o homem que amo, então eu é que serei da Morte!

Ainda que estivesse o pae acostumado a fazer-lhe as vontades, achou que havia muito calor n'essa imprudencia e lembrou á filha que se aquietasse e reflectisse. Ora, isso era o que lhe não faltava, e tanto fez que, afinal, exclamou o pae:

—Queres, pois, que eu cumpra a mais vil de todas as obrigações paternas, que eu vá á caça do homemzinho do teu coração, que o traga pelo nariz, para dizer-lhe deante de ti, da melhor joia que eu possuo: «péga lá, por favor. É tua. Aqui tens uma mulherzinha de truz, não faças ceremonias?» Em verdade mais me aprazeria dar-te umas palmadinhas, mas, como é certo que vaes morrer, convem que eu seja mais polido. Ora, adeus! conserva-te na minha graça, e ahi está o pastel e bem confeitado; saboreia-o que se desmancha na tua boquinha...

—Não é mister tudo isso, disse Yola, e,

se m'o permittes, espero trazel-o deante de ti ao homem que virá pedir-me...

—Mas se elle fôr um vagamundo papavento, sem eira nem beira?

—Que seja então expulso com duras palavras. Mas não o será, porque é um Santo!

—Então vae em paz e deixa-me com as Musas.

Quando anoiteceu, não seguiu a noite ao crepusculo tão depressa, quanto Vidal a Yola na casa já sabida. Nunca penetrara ali do mesmo modo como n'essa noite. Batia-lhe o coração, e para assim dizer, ia jogar a ultima cartada. Era um Vidal que galgava os degraus, já muito outro d'aquelle que os descia d'antes, posto que o mal afamado conversor de mulheres erradas, em consciencia nunca soube distinguir o sorriso da rameira do da mulher casta.

Mas a vida é a verdadeira sciencia.

Subiu, no bom proposito que já fizera de varrer da cabeça do monstrosinho ideias tão impuras e malsãs. Comtudo passou-lhe sempre pela mente que, apoz a consummação

d'esta obra pia, necessitava de uma pausa na provação de taes martyrios e começava a sentir-se por pouco.

Estava, porém, escripto que n'essa mal assombrada casa teria de haver-se com outra e nova surpreza. Logo ao penetrar no quarto viu-o bellamente ornado e com todos os confortos do lar. Agradavel perfume de flor enchia o aposento e dava-lhe um ar honesto e familiar. Sobre um leito todo alvura, forrado de seda sem uma unica prega, jazia reclinada Yola, toda enfeitada, em triste melancolia, lembrando um anjo diaphano espiritualisado. Tremiam-lhe rijamente os seios sob o vestido que entumescia—tempestade n'uma bilhasinha de leite; e os bellos braços brancos, cruzando-se sobre o peito, esplendiam... tudo tão familiar e tão casto que toda a oratoria de Vidal se embaraçou na garganta.

—Estás admirado, ó o mais bello dos monges! começou Yola. Estás surprehendido d'aqui encontrar esse estado e esses mimos! Sabe, pois, que isto é a despedida, são os adeuses que dou ao mundo, e com elles

me quero despojar da inclinação que, infelizmente, tenho ainda por ti. Appello para ti, para que me auxilies com o melhor das tuas forças, da maneira que suppuz a melhor, e que exijo de ti. Quando me fallavas tu proprio, vestido na tua estamenha, isso me era indifferente; nunca as feições de um monge me poderiam convencer que eu pertencia ao mundo. Por um monge não posso ser curada do amor que me lastima; — n'estas cousas o monge não conhece e nem sabe o que está a dizer-nos. Se queres seriamente dar-me a paz eterna e levar-me ao caminho do ceu, vae, penetra n'aquella camara onde ha outras vestes. Troca o habito monacal pelas vestes mundanas, adorna-te, perfuma-te e vem a mim, que assim haveremos de fazer em commum um pequeno repasto, e ao postre d'elle põe por obra toda a tua grandeza e teu entendimento, arranca-me de ti e entrega-me a Deus.

Vidal não respondeu cousa alguma e esteve um pouco a pensar; em seguida tomou a resolução de acabar esta penosa cousa de um só golpe. E acquiesceu á opinião de Yola.

Cumpria tomar ao demonio do mundo as suas proprias armas, e com ellas vencel-o.

Dirigiu-se para o aposento indicado, onde dois servos adolescentes, de vestes de linho e purpura, o esperavam. Logo, vestindo-as, pareceu altear-se-lhe o porte, e com nobre dignidade caminhou para Yola, que tinha os olhos fitos no magestoso cavalleiro e alegremente batia palmas.

Verdadeiro milagre realisou-se então com o monge; mal se tinha sentado, em seus mundanos trajes, perto da enternecida mulher, desfez-se como sopro todo o passado e com elle o santo proposito. Ao invez de pronunciar uma unica palavra, bebia ancioso as que fluiam dos labios de Yola. Contava ella, tomando-lhe as mãos, a sua historia, quem era e onde morava, e como desejava deixasse elle aquelle retiro monacal para, obtida a licença paterna, unir-se-lhe como esposo amantissimo. Concluiu com um profundo suspiro, que ella bem via como era vã a sua dolorosa aspiração...

Não podia elle mover-se a fallar sobre

todas essas cousas, sem se haver fortalecido por uma refeição reparadora.

Trouxeram-lhes ao recanto onde estavam uma amphora de vinho e uma cesta de iguarias e fructos. Yola, então, levou a taça aos labios de Vidal que, silencioso, n'esse momento lembrou-se da afastada edade da meninice, quando era a sua doce mãe que lhe punha á bocca o alimento. Comeu e bebeu, e logo apoz, como se sentisse a necessidade de repouso a tão fortes commoções, o nosso Vidal inclinou a cabeça sobre o seio de Yola e em breve adormeceu, até que o dia se fez alto.

Quando despertou, estava só, sem que podesse vêr ou ouvir pessoa alguma. Ergueu-se, e, attonito com as novas vestes que o trajavam, precipite varejou toda a casa de alto a baixo, procurando o seu habito de monge, mas nem vestigio encontrou, até que n'uma pequena lareira viu carvão e cinzas, sobre as quaes jazia uma manga apenas do habito e já meia queimada. D'onde concluiu que a estamenha fôra ali reduzida a cinzas, solemnemente.

Pôz a cabeça por todas as frestas que davam para a rua, e logo a recolhia se alguem se approximava. Por fim atirou-se ao sedoso leito, tão voluptuosamente como se jámais experimentara o rude catre de monge; depois, cobrou alento, arrepanhou a tunica e ganhou nervosamente a porta da casa. Ahi esteve um bocado; subito, fez menção de sahir e lançou-se rapido ao ar livre, com brio e nobreza. Ninguem o conheceu; tomaram-no por um nobre estrangeiro que viera acaso divertir-se em Alexandria.

Não olhava para a direita nem para a esquerda e não avistou, pois, a Yola, que do coruchéo da casa paterna o seguia com o olhar. E assim partiu, em linha recta, em direcção ao claustro, onde os outros monges todos tinham já intimado ao abbade a expellir do seio da communidade o grande fugitivo, pois que a medida dos seus crimes e peccados já se derramara e contribuia para o deslustre e damno da egreja. E quando o viram chegar, vestido de sumptuosa purpura, o calix da magnanimidade trasbordou pelo chão; saltaram os monges, de todos os can-

tos lhe atiraram com agua, e, arrastando-o para fóra do claustro, lapidaram-no com cruzes, vassouras, garfos e colheres de cosinha.

Esse trato e villeza, em outras épocas, seriam o goso e o triumpho e as rosas do seu martyrio. Agora, porém, riu-se interiormente d'aquillo, mas por outros motivos. Perambulou pelos muros em circuito da cidade, o purpureo manto solto á ondulação do vento; um halito divino soprava da terra santa sobre o mar paralytico, sereno, luminoso, faiscante, mas Vidal se sentia cada vez mais homem; tornou os passos ao rumor das ruas, buscou a casa de Yola...

E veio a ser, de facto, perfeito fidalgo e gentil esposo, com mais excellencia do que fôra confessor e martyr. A Egreja, quando soube por menor o acontecimento, muito se lastimou da perda d'aquelle Lume, e por vezes tentou rehaver ao regaço maternal o fugitivo Santo. Mas Yola soube pôl-o a seguro...

K. Emil Franzos

Os Dous Libertadores

I

Quem quer que esteve uma vez em Barnow, por certo lá havia de conhecer tambem uma velhinha, a tia Hauna, mãe do director da communhão judaica, e muito se alegrou de vêl-a com os seus modos delicados e o seu bom coração; — mas quem lá não esteve esse difficilmente poderia dar ideia do que era aquella velhinha amavel e engraçada.

Babéle ou a *avósinha,* era como lhe chamavam os netinhos e tambem toda a gente da pequena cidade, e com excellentes razões, porque em toda a sua vida, longa e abençoada, sempre assistiu a todos com a ajuda ou o conselho, e os proprios que não precisavam do dinheiro ou dos conselhos d'ella, buscavam-na, alegres, ao menos para matar o tempo, ouvindo algumas lindas his-

torias. É que tambem era tida e estimada como contadeira de historias, não menos do que amiga e conselheira; e quem nas tardes de verão no santo sabbado passava pela Synagoga na aljama, podia vêr com os proprios olhos e ouvir com os proprios ouvidos como era justa a nomeada. Então, sentava-se a velhinha nos degraus da escada, á sombra, e rodeavam-na, acotovellando-se, umas cincoenta pessoas, homens e mulheres, o mais d'elles attentos e sem voz para não lhe perder da bocca nem uma só palavra.

O que ella contava (e é o que se vae vêr) eram casos e historias da vida d'aquella communhão, que ella propria ouvira ou lhe passaram ante os olhos; e, como o contava, não se pudera descrever. Quando, pois, agora me resolvo a recontar alguma d'essas historias tenho só a favor de tanta ousadia um unico incentivo; e é que são as que ella mais a miudo gostava de repetir, e tão numerosas vezes as ouvi, que posso fielmente ufanar-me de, sem deslustre, traduzil-as em *vulgar*.

«Qual é, d'entre vocês, o que se possa jactar de grande? (começava a avósinha).

Quem, o pequeno? Quem o que se ha de dizer poderoso e quem ha de ser o fraco? Raro poderá a curteza de vista dos nossos olhos distinguil-o! Para nós, em regra, o rico ou o forte é que é o poderoso ou o grande; e o pobre, ou o desgraçado, é que é fraco e pequeno. A verdade, porém, é tão outra d'esta, que ninguem fie da riqueza nem da força o verdadeiro mando, mas da Vontade forte e do Coração generoso. E isso por vezes, ó gente minha, o altissimo Deus nol-o annuncia, nos mostra e põe patente; e nós, aqui de Barnow, bem o podemos attestar.

«Duas vezes esteve a nossa communhão ao pé de grande miseria e calamidade, na afflicção e no horror da morte, e, nas mesmas duas vezes, d'entre nós sahiram dous grandes salvadores, que nos livraram da angustia e mudaram lamentosas lagrimas em jubilosa oração de graças. E quem foram esses libertadores? Acaso os mais fortes e os mais ricos de nós?... Ouçam, pois, o que vou contar, tão certo como aconteceu.

«Ao passarem acaso pela praça do Mercado, bem em frente ao claustro dos domi-

O poder do Rei desceu a brinco de creanças, e com esse ludibrio se foram as liberdades e franquias que nos concederam. Vieram então por senhores os donos das terras, os nobres, que nos atormentaram, opprimiram, lançaram mão e dispozeram de nossos bens e vidas, como se lhes aprazia. Oh, foi uma tyrannia indizivel!

«Esta nossa cidadesinha coube, n'aquella época, á familia dos BORTYNSKY, a quem mais tarde o bom Imperador JOSÉ deu o titulo de Condes. N'aquelle tempo começou a governar-nos o joven Joseph Bortynsky, homem calmo, religioso e humilde, e que havia sido educado no claustro dos dominicanos. Não eram seus costumes como os de outros jovens fidalgos: detestava o vinho, o jogo e as mulheres; tratava elle proprio a sua fazenda e rezava quatro horas inteiras no dia. Com os vassallos era amoroso e justo. Muito pouco nos coube sentir aquella justiça e amor que n'elle eram proprias, porque contra nós judeus, a bom ou mal grado, era sempre rude e sinistro: «Vós me crucificastes o meu Deus e Senhor», disse elle um dia

a Samuel, o director da nossa communhão judaica. E se acaso, por vezes, se lhe movia o coração, logo o atalhava seu antigo mestre e educador, que era n'aquelle tempo o padre capellão do castello, e exercia grande influxo sobre o fidalgo. Do padre ninguem de nós conservou o nome; costumavamos chamar-lhe, por causa das vestes, o «*homem negro*».

«Andavamos, nós judeus, tristemente cabisbaixos, e os peores d'entre nós evitavam incorrer em qualquer falta ou sem razão. «*Vós me crucificastes o meu Deus* (repetia o conde a Samuel, e ajuntava irritadamente) *ai de vós se vos descubro um crime ou maleficio: farei abrasar esse ninho de impiedade como outr'ora o vosso Deus a Sodoma e Gomorrha*». Por ahi avaliem qual não era o nosso terror e susto.

«Assim, entrou a primavera do anno de 1773. Estava ás nossas portas a Paschoa; e corria então o boato de que a rainha e imperatriz de Vienna ia varrer das terras os polacos e aqui installar os seus funccionarios. Mas antes de tudo ninguem se apercebia d'isso.

nicanos, terão vocês visto um grande e grosso esteio, que se ergue do chão. Está agora estragado e pôdre, e já o teriam varrido d'ali se não fôra a memoria de um tempo horrivelmente angustioso.

«Vocês não conhecem cousa alguma d'aquelle tempo, e o caso é de vangloriar-se d'essa fortuna. E não quero eu, pois, dissipal-a. Se vou contar uma historia d'aquelles dias, não é para lhes pegar no coração ou encher a memoria de colera e de fel. O soffrimento já passou, e quantos o passaram já lá estão mortos e enterrados. E entre nós está escripto, e bem o disse um dos nossos prophetas: «Perdoae áquelle que vos maltratou e pagae-lhe o mal com um beneficio.»

«O que vou contar é um bello e nobre rasgo d'aquelle odioso e terrivel tempo. É caso em que vae bem a alegria, porque sempre se ajusta e cabe quando se rememora façanha heroica tão altanada, tão brilhante e tão grande, como é raro que nol-a depare este mundo.

«Foi uma simples mulher judia quem a praticou; a angustia d'aquella época tornou

de aço o fragil coração e, como esculpindo, enrijou-a e fel-a heroina. Léa, era esse o seu nome, era a esposa de Samuel, homem rico e piedoso; a descendencia hoje é conhecida com appellido de Beermann, depois que veio o Imperio e nos impôz um nome allemão. N'aquelle tempo não usavamos nomes taes, e isto foi ha mais de cem annos, quando viviamos sob o poderio da nobreza polaca.

«Oh! foi bem atroz aquella aguia dos Polos, rapace, branca, e de uma unica cabeça! Ainda quando tinha completa a plumagem, e a vista aguda, e as garras fortes e afiadas, era decerto o nobre animal generoso e altivo que envergou contra o norte e o poente e protegeu magnanimo a todos que se acolhiam sob as suas azas. Ahi vivemos nós tres seculos, aquecidos na sua luz e liberdade. Quando aquella aguia, porém, envelheceu e em roda d'ella outros abutres, um por um, lhe carpiram as pennas, tornou-se então covarde, cruel e perfida e useira de villanias; não podendo voltar o bico adunco contra os forasteiros oppressores, voltou-o sobre os pobres judeus inermes e fracos.

O poder do Rei desceu a brinco de creanças, e com esse ludibrio se foram as liberdades e franquias que nos concederam. Vieram então por senhores os donos das terras, os nobres, que nos atormentaram, opprimiram, lançaram mão e dispozeram de nossos bens e vidas, como se lhes aprazia. Oh, foi uma tyrannia indizivel!

«Esta nossa cidadesinha coube, n'aquella época, á familia dos BORTYNSKY, a quem mais tarde o bom Imperador JOSÉ deu o titulo de Condes. N'aquelle tempo começou a governar-nos o joven Joseph Bortynsky, homem calmo, religioso e humilde, e que havia sido educado no claustro dos dominicanos. Não eram seus costumes como os de outros jovens fidalgos: detestava o vinho, o jogo e as mulheres; tratava elle proprio a sua fazenda e rezava quatro horas inteiras no dia. Com os vassallos era amoroso e justo. Muito pouco nos coube sentir aquella justiça e amor que n'elle eram proprias, porque contra nós judeus, a bom ou mal grado, era sempre rude e sinistro: «Vós me crucificastes o meu Deus e Senhor», disse elle um dia

a Samuel, o director da nossa communhão judaica. E se acaso, por vezes, se lhe movia o coração, logo o atalhava seu antigo mestre e educador, que era n'aquelle tempo o padre capellão do castello, e exercia grande influxo sobre o fidalgo. Do padre ninguem de nós conservou o nome; costumavamos chamar-lhe, por causa das vestes, o «*homem negro*».

«Andavamos, nós judeus, tristemente cabisbaixos, e os peores d'entre nós evitavam incorrer em qualquer falta ou sem razão. «*Vós me crucificastes o meu Deus* (repetia o conde a Samuel, e ajuntava irritadamente) *ai de vós se vos descubro um crime ou maleficio: farei abrasar esse ninho de impiedade como outr'ora o vosso Deus a Sodoma e Gomorrha*». Por ahi avaliem qual não era o nosso terror e susto.

«Assim, entrou a primavera do anno de 1773. Estava ás nossas portas a Paschoa; e corria então o boato de que a rainha e imperatriz de Vienna ia varrer das terras os polacos e aqui installar os seus funccionarios. Mas antes de tudo ninguem se apercebia d'isso.

«N'esse mesmo casarão velho que está na praça do Mercado, a *Casa amarella,* como lhe chamam, moravam Samuel e a sua esposa Léa. Elle, o director, e ella, eram ambos muito amados da communidade; elle porque, com ser rico, era intelligente e generoso, e ella porque á belleza de pessoa ajuntava mansidão e caridade. Estavam, porém, n'essa Paschoa consumidos em dolorosa angustia; haviam perdido o filho unico, de anno e meio, o qual dias antes fallecera repentinamente; e os paes, inconsolaveis, não sabiam como vencer a dôr, o infortunio d'aquelle golpe.

«Assim, em domingo, já tarde da noite, estavam um ao lado do outro, mergulhados em silenciosa afflicção. Na tarde do dia seguinte deveria começar a festa de Paschoa; toda a casa havia sido, durante o dia, lavada e polida, e a mulher sentia-se muito fatigada. E estremeceu de susto ao ouvir uma pancada na porta da rua. Samuel dirigiu-se para a janella, abriu-a e olhou para fóra. Deante da porta, parada, uma velha, camponeza (ao que parecia), com um sacco ás costas, la-

mentosamente a chorar, pedia que a deixassem entrar. Era muito fraca e já velha, dizia, para poder ainda pela noite escura regressar á aldeia, e, pois, supplicava uma pousada. «Não é aqui a hospedaria», disse-lhe sem delonga Samuel e fechou a janella.

— Pobre mulher! disse Léa, havemos, pois, de deixal-a na rua?!

— É perigoso tempo o de agora, respondeu Samuel. Não me parece bom acolher um forasteiro em minha casa.

— Porém esta velhinha, doente e fraca (rogou Léa) que mal nos poderia causar?

«E como a mulher continuava a gemer lá fóra, Samuel foi-lhe ao encontro e fel-a entrar. A creada já dormia e foi Léa, ella mesma em pessoa, quem levou a forasteira até á agua-furtada onde devia aposental-a, e deixando-lhe alguma cousa de comer e de beber, deu-lhe as boas noites e retirou-se.

«No outro dia pela manhã, logo cedinho, despediu-se a forasteira, abençoando e agradecendo mil vezes aos seus hospedeiros. Léa estava muito occupada com os preparativos da festa, de modo que só lá para a tarde se

lembrou de ir ás aguas-furtadas, pois queria, antes do começo da Paschoa, correr e revistar todos os aposentos e vêr se, por acaso, aqui ou ali haveria algum pedaço de pão levedado. Estava tudo ali em ordem, mas um cheiro desagradavel pejava o ar, e que não se esvaeceu ao abrir Léa as janellas. Não podia ella descobrir d'onde vinha aquelle odor putrido, e entrou a examinar todos os cantos do aposento, quando, afinal, olhou para baixo da cama. Ahi, sentiu fugir-se-lhe o sangue e arripiarem-se os cabellos. Sob o leito jazia o cadaver tabido, horrivel e desnudo de uma creancinha, com grandes feridas pelo peito e pelo pescoço. Com a rapidez do raio comprehendeu a senhora todo o crime, e luctou com todas as forças d'alma para não succumbir ao desmaio. A forasteira havia penetrado com aquelle cadaver na casa, e ahi deixado para perder a todos e, com o pensamento de vingança, confirmar aquella horrivel lenda de que os judeus costumam sacrificar com a carne de creanças christãs a festa da Paschoa.

«Á pobre senhora, ao peso d'essas ideias,

como que se lhe desmoronava e lhe cahia aos pés a vida. Ah! fôra ella a causa de tudo; fôra ella, só ella, quem havia chamado e attrahido a perseguição, a desgraça e a morte, sobre a sua casa e sobre a communhão, pois, sem resguardo, abrira a porta do lar áquella forasteira. E emquanto assim se contorcia em ancias de febre e em terrores de morte, lá fóra, das ruas, subiam com estrondo clamores, brados e terrivel vozerio. E, em meio d'isso, sentia-se que vinham retinindo as espadas.

—«São elles que veem», murmurou baixinho, e n'esse momento se lhe debuxou n'alma um pensamento singular e terrivel, como jámais houve em animo de mulher, e, comtudo, tão d'alma e de tão nobre sacrificio como só pudera engenhar um coração feminino.

—Sou eu a culpada! gritou para a multidão. A mim é que cabe o castigo.

«Levantou-se hirta; com os labios firmes e fechados venceu a propria dôr. Pegando do cadaversinho, envolvendo-o n'uma toalha, tomou-o ao collo.

«E escutou... o horrendo escoar dos minutos. E logo viu lá fóra o joven Conde e a esposa e o outro director, que fallavam com irado calor e vehemencia. E ouviu que o Conde dizia: «A forasteira disse ter escutado perfeitamente os gritos de agonia do anjinho assassinado. Se encontrar a prova e o cadaver, não deixarei pedra sobre pedra.»

«E ouviu ainda o rumor dos homens que varejavam os aposentos. Quando se approximaram da agua-furtada em que ella estava, ergueu-se e approximou-se da janella. O tecto ahi cahia rapido e a pique, e lá em baixo via-se o pateo de pedra da casa.

«A porta, emfim, abriu-se e o Conde entrou com ambos os directores da communa e, na retaguarda, o corpo de guarda e aguazis. Léa precipitou-se sobre elle, e com uma risada estridula mostrou-lhe bem a creança; e balançando-se com os braços em arremesso, atirou pela janella o cadaversinho que foi despedaçar-se no lagedo do pateo...

— Eu sou, com effeito, uma assassina (exclamou ella, encarando-o), sim! eu o sou, na verdade! Que me ponham a ferros e me

algemem e me matem. Ao amanhecer de hoje matei o meu proprio filho. Não minto. Vós vindes para me prender? Eu aqui estou!

«Toda a gente quedou cheia de pasmo. E logo começaram questões, gritos, contendas e clamores. Samuel, o esposo da infeliz, o homem rico, forte e intelligente, não pôde mais, e succumbiu.

«Outros judeus viram claro a conjunctura e o extraordinario sacrificio, e apoiaram a Léa n'aquella mentira salvadora e piedosa; só assim poderiam todos escapar do terrivel e meditado exterminio. Léa ficou firme em seu depoimento. O Conde olhou-a fixamente e ella arrostou-lhe o olhar, tranquilla, serena.

— Ouve, mulher! disse elle, se é verdade o que affirmas, a ti te está reservado um castigo tremendo em que jámais creatura humana perdeu a vida. Se outrem, porém, foi o auctor d'esta morte para com o sangue d'esta creança celebrar a Paschoa — podeis ir e o teu esposo, tranquillos. Os criminosos serão castigados. E isso o juro pelos Santos Evangelhos! Agora — decide-te!

«Léa não trepidou sequer:

—Era o meu filho, matei-o.

«O Conde fel-a recolher ao carcere. Tinha percebido quanto eram inverosimeis aquellas declarações; mas não acreditava, comtudo, na magnanimidade e no heroismo da nossa gente:

—Se não fosse verdade, pensava elle, como explicar aquelle extraordinario sacrificio?

«O inquerito não trouxe nenhuma luz ao succedido. As testemunhas judias todas culpavam Léa. Contava uma, como ella odiava o filho; outra, como por vezes o ameaçava de morte. A unica testemunha christã era, porém, a caseira do capellão, do «*homem negro*». Fôra ella que, disfarçada em camponeza, n'aquella noite se postara ao pé da casa de Samuel pedindo pousada, para armar a destruição da communidade. Ella declarou que havia ouvido chôro de agonia d'uma creancinha, ao passar acaso por ali; e era só o que podia dizer, sem trahir-se; e isto accordava com a deposição de Léa.

«O *homem negro* pareceu não se importar com esse caso tão grave; achava ser um

sacrificio a hypothese bastante ou temia talvez que viessem a descobrir os traços da sua obra criminosa.

«O juiz pronunciou emfim a sentença. Léa havia de ser, viva, partida ao meio, escorchada no largo da feira e depois decapitada. Para isso foi armado aquelle toro de madeira que ainda hoje existe.

«Não foi, porém, no logar do supplicio que ella morreu, mas em paz, já bem velhinha, em casa, cercada dos filhos e netinhos. Porque por esse tempo veio o governo do Imperio e um Ouvidor chegando á terra tomou a si o julgamento dos crimes, e a esse pôde Samuel, já desesperado, contar toda essa historia. O ouvidor libertou Léa da prisão e mandou-a em paz.

«O patibulo ainda ali está, como para lembrar aquelle sombrio tempo e o horroroso acontecimento. Mas lembra tambem o grande rasgo heroico e nobilissimo. E foi uma mulher, uma fragil mulher, quem salvou toda a communhão hebrea do exterminio...

II

«Oitenta annos depois estavamos todos de novo e outra vez em egual angustia e em horror de morte, e sabeis quem nos salvou? Não uma mulher agora, mas um homenzinho franzino, no qual ninguem poria fé, um anão cujo nome apenas basta o dizel-o para excitar o riso. Foi o pequeno *Mendele*... ora pois, que vos rides! e agora é elle um como desmiolado. Tem coarctadas e boas pilherias e sabe contal-as com graça, no que ainda o ajuda o comico da figura, a cara de menino de cabellos brancos. Pois todo o santo dia vive a cantarolar e a dançar, e, em verdade, quieto nunca ninguem o viu. Pelas ruas não anda, salta; se entende fallar, dil-o cantando; e mãos parece que só as tem para bater compasso ou tamborilar nas mezas. Mas que mal faz n'isso? antes um homem alegre que um cara de cemiterio.

«É um bravo e grande cantor o nosso

Mendele Abendstern, e não é demasia o orgulho de tel-o como nosso *Chasen* (*). É certo que não raro vae cantarolando as orações como se foram valsas, e, deante do Thora por vezes troca as pernas como se estivera no theatro a dançar. Mas nem com isso nos estorva o pio fervor; estamos já ha quarenta annos acostumados com o nosso Mendelezinho e se ha quem com justiça lhe venha ás mãos, tambem não se amofina nem guarda rancor. Não se ha de esquecer que Mendele é tambem capaz de ser serio e que já uma vez o pobre *Chasen,* com o seu canto, nos prestou um grande serviço, maior do que o puderam fazer os ricos e os sabios, com todo o ouro ou toda a sciencia d'elles.

«E eis como foi o caso.

«Bem sabeis que o judeu é hoje um homem, e tão bom como outro qualquer; e quando um nobre ou um camponio bate ou maltrata um judeu, a este basta dirigir-se á

(*) Palavra hebraica; denomina aquelle que, d'entre os fieis, canta em solo as orações da synagoga.

casa d'onde pende a taboleta com uma grande aguia, e logo o juiz imperial, o sr. Negruss, dar-lhe-ha o seu direito. Mas, ah! antes d'aquelle grande anno, em que veio o Imperador e a todos os homens fez eguaes, não eram assim as cousas. Os senhores da terra é que davam as leis, por meio dos seus mandatarios; mas esse governo era as mais das vezes um desgoverno. Ah! meus filhos, foi aquelle um tempo terrivel! Aos senhores da terra pertencia tudo, a gleba e os homens e o tutano dos ossos dos homens, e os ares e mais as aguas; e não era só na aldeia, mas tambem nas cidades, se acaso eram feudos de um nobre e se eram povoadas de judeus. E nobre era tanto o senhor como o seu apaniguado procurador.

«Ao menos foi assim aqui em Barnow. O nosso amo, o sr. Conde de Bortynsky, vivera sempre em Paris e nunca se importava com estes seus dominios. Todos e plenos poderes passavam ás mãos ávidas do procurador, que era, pois, o dono de nós todos. Os nossos votos eram sempre que

cahisse a auctoridade nas mãos de um bom homem, pois só assim contavamos viver com alguma tranquillidade. A principio ouviu Deus os nossos rogos, e o sr. Estevão Grudza foi um procurador como melhor não poderiamos desejar. A verdade é que elle se embebedava da manhã á noite, mas como a bebedeira lhe dava para ficar alegre, mostrava-se sempre jovial e a ninguem amargurava. Mas excedeu-se uma vez ao jantar e logo apoz fulminou-o um ataque de cabeça. Quando foi a enterrar-se, a afflicção foi grande em toda a terra e tambem na nossa communidade; porque, em verdade, era um bom homem, e, depois, quem poderia saber qual seria o seu successor?

«E para aquella afflicção havia, decerto, muitos motivos.

«O novo procurador chamava-se Frederico Wolmann, e era um allemão. São para nós muito melhores os allemães que os polacos, mas aquelle era uma excepção! Era um homem alto, magro, de cabellos pretos e olhos negros brilhantes. O rosto era torvo e sempre melancolico, e nunca se lhe no-

tara sequer um sorriso. Entendia-se perfeitamente no trato da fazenda e dos homens, e, como nenhum outro, sabia arrancar a confissão ao mais cadimo ladrão ou ao mais astuto assassino, e nunca se lhe podia fazer no imposto o defraudo de um só vintem. Mas tinha incoercivel odio aos judeus, e dia a dia nos lastimava e fazia-nos soffrer duramente. Triplicava-nos as taxas, arrancava-nos os filhos para o serviço militar, estorvava as nossas festas, e questões de justiça, se as haviamos com algum christão, nosso depoimento nada valia e a palavra do christão significava tudo. Tambem era duro e sem misericordia para o camponez; de memoria de homem nunca foram as sizas e fintas em Barnow tão excessivas; e, comtudo, havia n'isso alguma medida, e ainda se guardavam ares de justiça. Mas logo que se tratasse de judeus, ia-se aos extremos e não havia mais equidade.

«E porque se aprazia assim em perseguir-nos? Ninguem o sabia, mas algo se desconfiava. Diziam que o nome do homem

fôra Froim Wolmann em Posen, e que era um judeu baptisado. Abandonara a fé para casar-se com uma rapariga christã, de cujos amores se havia prendido.

«Os judeus encolerisados perseguiram-no, obrigaram-no a sahir da terra, calumniaram-no, e com tanto desmancho e desconcerto que os paes da noiva não lh'a quizeram dar para esposa. Quem trouxe esses pormenores, não sei já, mas quando se olhava aquelle semblante de homem, taciturno e frio, não parecia a historia inverosimil, maxima se se reparava no seu trato com os judeus.

«Assim corriam-nos tristes os dias, e Wolmann fazia-nos passar trabalhos, houvesse ou não houvesse culpa. E, em havendo culpa, não havia como escapar das suas mãos. E foi o que aconteceu no outomno que precedera o grande anno da fundação do Imperio.

«Entre nós, o ser soldado é cousa nada agradavel; mas na Russia é condição inferior ainda á da propria morte, e quando um rapaz judeu é recrutado, o mesmo é que haver

perdido a Deus, aos paes e á familia, e perder-se a si proprio. Como se ha de estranhar pois que o judeu russo tudo faça para resgatar o filho, ou que o misero recruta, cahindo-lhe na cabeça o raio, se torne um desertor? frequentes são esses casos; e os muitos fugitivos, uma vez presos, ser-lhes-hia melhor o não haverem nascido; a alguns cabe ás vezes a fortuna de vingar as fronteiras, acolherem-se a outras terras, á Moldavia, ou aqui á nossa.

«Foi o que se deu n'aquella época; um soldado judeu — era de Verdiczow — transpôz a fronteira em Hussintyn e veio parar em Barnow. Aqui a communhão fez o possivel pelo misero desertor, e Chaim Grünstein, o cunhado de Moses Freudenthal, homem rico e compassivo, tomou-o a serviço como escudeiro.

«O governo russo pesquizou naturalmente as traças do fugitivo e todos os nossos funccionarios receberam ordem de encalçal-o até aonde fosse que o achassem.

«Egual recommendação teve o nosso procurador, que logo mandou chamar os

principaes da communidade e inquiriu-os. Ficaram estes aterrorisados, mas logo vieram a si do susto, e negaram conhecer o fugitivo. Foi isso na vespera do «Dia da santa Expiação», e como haveriamos de comparecer deante de Deus, tendo já atraiçoado a um nosso irmão? Ficaram, pois, firmes os judeus, sem embargo da colera e das ameaças do procurador. E quando este viu que nada diziam ou queriam dizer, fallou-lhes sombriamente: «Ai de vós! se esse rapaz está em Barnow! não me conheceis ainda e então aprendereis quem eu sou.»

«Foram-se os homens e póde-se apenas avaliar a tristeza e o pavor que essa nova espalhou na cidade. O rapaz de quem se tratava era pessoa digna e diligente, e que o não fosse, era um judeu e não se havia de deixal-o ao desamparo. Ficar em Barnow eralhe, e a todos, cousa perigosa, porque tarde ou cedo descobril-o-hiam as justiças. Mandal-o d'ali para fóra e sem qualquer documento ou passaporte, não lograria escapar e seria preso, mais ou menos, leguas adeante. Considerou-se muito em tudo isto e afinal

sahiu-se Chaim Grünstein com um bom conselho. Tinha elle um parente, rendeiro de Marmaros, na Hungria; para lá devia partir o rapaz logo depois da festa da Expiação e em toda a viagem só jornadear de noite. Era o meio mais seguro de escapar-se áquella afflicção.

«Concordaram todos, e de coração alliviado, tomaram em commum a lauta refeição com que, era costume, se fortaleciam para o jejum da Expiação.

«Anoitecia já e na capella accendiam-se muitos e innumeros cirios, e toda a irmandade entrou com o coração pesaroso e timido, cheio de arrependimento e humildade; eram, pois, aquellas as horas terriveis e difficeis horas expiatorias, em que devemos encarar o Altissimo Juiz, que nos dará a graça e o perdão das nossas culpas. As mulheres iam todas de branco e os homens envoltos em funebres sudarios. Entre elles tambem ia Chaim Grünstein com a familia, para ajoelhar-se deante de Deus, e ia o pobre desertor, todo trémulo de angustia.

«Quando, emfim, se ajuntaram todos e

ia começar o serviço divino e passava Mendelezinho a mão pela garganta ao sacar mobil e trémulo a primeira nota do *Kol-Nidra,* houve um movimento na porta, os esbirros do Conde tomaram a sahida, e o sr. Wolmann, lenta e gravemente entrou, e passando além das filas das cadeiras veio ficar junto ao Thora ou altar, bem acercado de Mendele. Este vergou todo trémulo; mas os principaes da irmandade achegaram-se tranquillos.

—Eu sei que está aqui, entre vós, o desertor, disse Wolmann. Ireis entregar-m'o agora?

«Os homens emmudeceram.

—Então, bem vejo, continuou o procurador, que não é por bem que de vós se consegue alguma razão. Fal-o-hei prender ao sahirdes d'aqui. E não só ao desertor mas, vol-o prometto a todos, não vos ha de esquecer esta noite. E, não vos interrompaes, continuae a orar como estaveis. Tenho muito tempo e apraz-me ouvir.

«Seguiu-se um silencio de morte, e só de cima, aonde estavam as mulheres, rompeu

um grito angustioso. Todos estavam como que derruidos de terror. Mas concertaram-se, emfim, e levantaram os olhos para Deus. E, mudos, voltaram-se todos a assentar-se.

«Mendelezinho tremia. N'um momento, porém, levantou-se e abrindo a bocca começou a entoar o canto do *Kol-Nidra*, aquella melodia primitiva e simples que ninguem jámais pôde esquecer, se a ouviu uma vez. Trémula e incerta soou, ao começar, a voz, e logo depois se foi tornando intensa, volumosa e forte e encheu ampla e limpida o templo, movendo os corações e elevando-se até o Senhor. Nunca mais elle cantou assim, como n'aquella noite Era como uma grande benção que cahia sobre aquelles homens. E ao desferir aquelle canto, não parecia elle o pygmeu e o homunculo, mas um grande sacerdote que levantava a voz de interprete do seu misero povo deante da Divindade. Como que ali na sua voz se traduziam o primeiro e antigo senhorio dos judeus e logo os innumeros seculos de escravidão e de vergonha da raça perseguida, e diziam ainda como ella era agora sem repouso e odiada, essa

tribu de homens, os pobrissimos de todos os pobres, os mais desgraçados de todos os desgraçados. E pareciam dizer ainda como aquella perseguição, tantas vezes secular, não acabara ainda, e os novos oppressores e verdugos levantavam ind'agora o braço contra nós e inda outras novissimas espadas se afundavam sanguinolentas nas nossas carnes. Havia na sua voz toda a nossa dôr longeva, bastante para ser eterna, a nossa dôr indizivel, e as nossas lagrimas já sem conta, innumeraveis, innumeraveis... E tambem n'ella havia algo de estranho, o nosso ferrenho orgulho, a forte confiança, a nossa fé inabalavel em Deus. Oh! não se poderá jámais dizel-o, como Mendele cantando o disse, n'aquella hora terrivel!

«As mulheres choravam alto quando elle terminou: os homens soluçavam. Mendelezinho, porém, tapou o rosto nas mãos e cahiu succumbido por terra.

«Wolmann, que havia voltado o rosto durante o canto, logo se virou, applicado e attento. Estava horrivelmente pallido, e os joelhos lhe tremiam; aquelle homem forte

quasi não se podia ter em pé. Viam-se-lhe os olhos turvos e humidos, como de lagrimas. E então, com o passo trémulo, vacillante e cabisbaixo dirigiu-se para a porta. Ahi fez um signal aos esbirros que abandonassem o sitio e o seguissem.

«Que transformação subita era essa, bem se comprehendeu, mas ninguem ousou dizel-o.

«Certo é, porém, que um dia, depois da festa, Wolmann mandou chamar a Chaim Grünstein e deu-lhe um passaporte em branco, ajuntando:—«Póde ser que acaso tenhaes precisão de um passaporte.»

«D'ahi por deante, foi sempre brando comnosco. Mas não durou muito o seu governo. Na primavera do «grande anno» os camponezes que elle havia opprimido, mataram-no a pauladas...

«Essa é, minha gente, a historia dos dous que nos salvaram. E dizei depois e agora qual é o que se ha de chamar de grande; qual é o pequeno? quem é o fraco e quem ha de ser o poderoso?!»

Anton Hensel

Shinda-Usagi-uma

(Um episodio da historia das religiões)

SHINDA-USAGI-UMA

Muitos annos ha, vivia um piedoso Bonzo em um pequeno templo da provincia de Honan. Tinha uma grande fama de santidade, tão perfeita era a sua vida e tão austera e grave a sua presença.

Levantava-se todos os dias ao romper d'alva, e continuadamente orava e ouvia com paciencia, das raparigas, as desassizadas historias, e das velhas os interminaveis achaques, pois todo o mulherio soffregamente o buscava como a um Santo. E não sem intimo prazer ouvia o piedoso varão tilintar as moedas na caixa das esmolas.

Era elle em verdade um espelho d'entre os da sua condição de bonzo que, segundo a lei, consome a vida na inacção absoluta.

Por detraz do altar do templo havia um tumulo, cercado por um gradil, entre cujas rexas mettiam os crentes as mãos para de leve tocar n'aquelle tumor de terra que cobria os ossos sagrados de um memoravel santo, ali enterrado. E com isto ganhavam a absolvição dos innumeros peccados e livravam-se de flagellos da humanidade; pois é cousa sabida o poder maravilhoso das reliquias e dos restos corporaes dos bemaventurados que se foram d'este mundo.

Tinha o Bonzo um ajudante, como soem ter os da sua classe, e possuia a mais um jumento branco, que por vezes montava, quando havia de visitar algum fiel impossibilitado e distante; pois, segundo as leis divinas, não póde o bonzo mover-se por seu proprio pé, nem carregar pesos como qualquer mariola.

Com o correr dos annos foram augmentando o fulgor e a fama da reliquia santa e do seu austero guardião. Corria já que o prodigio e milagre dos bentos ossos se haviam communicado á pessoa mesmo do Bonzo, e que innumeros peregrinos, só com fitar-lhe

as feições ou roçar-lhe a fimbria das vestes, haviam sarado de chagas e outros maleficios.

O templo se enchia; os crentes ahi depunham para os Deuses os fructos sumarentos, o vinho propiciatorio, a caça e as viandas de regalo; e o altar se atulhava de oblações e offerendas.

Quando acontecia ao Bonzo fazer a refeição com o seu ajudante (e o repasto não consistia em mais do que um prato de arroz e agua da fonte), parecia acaso que ali os Deuses os fitavam com um sorriso cheio de graça e de bençãos. Era cousa em verdade maravilhosa o consumir-se de tantas viandas e gulosos sacrificios, o esgotarem-se no alimento das santas reliquias tantos regalos, sem que um pouco do vinho perfumoso ou uma migalha sequer de iguaria aproveitasse aos seus servidores.

Não assentam em um bonzo a sede de bebidas capitosas e nem a gula ou outro prazer da mesa, como é o caso com o peccador mundano. O bonzo é como o santo que renunciou a tôdas as vaidades e delicias terrenaes.

Sem embargo, ia o Bonzo santamente e cada vez mais engordando, emquanto o seu pobre ajudante, ou secretario, crispava-se com o estomago ás costas, emmagrecendo e definhando a olhos vistos.

Por esse tempo — ó grande desventura! — fome e carestia cahiram n'aquella terra. As gentes de maior piedade e fé já não se achavam em estado de offerecer cousa alguma aos Deuses, e o joven e magro aspirante, a quem não se tinham communicado as virtudes milagrosas do Bonzo mestre, chegou a tal ponto de consumpção, que, em verdade, mais parecia um esqueleto, e de moreno que era embranqueceu como o seu café coado tres vezes... E, todavia, o velho e santo Bonzo, preservado, rebolava, gordo como um cochino.

Uma manhã, quando faziam mecanicamente a oração do costume, deu-lhe na fraqueza ao secretario, que logo esquecendo-se de seus votos se sahiu com dizer: «Não aguento mais. Qual é, pois, o teu segredo, ó Mestre, de engordares, cada vez melhor, com tanto jejum?»

Por alguns minutos não pôde o Bonzo fallar, tal o espanto que lhe causaram essas palavras. Mas logo se compôz, e disse em tom rijo e forte de escarmento:

— Meu filho! é pouca a tua fé! Tres vezes, todos os dias, toco levemente nas reliquias e ossos do santo, que estão por detraz do altar, e isso basta para restaurar as forças. *Namu Amida Butsu!*

O joven aprendiz pensou e considerou n'estas sabias palavras, e resolveu experimentar em si mesmo o milagre e a virtude d'aquellas reliquias. E não passou d'aquella tarde, que estando o Mestre applicado a ouvir historias lastimosas de algumas mulheres que vinham queixar-se de costumeiras desgraças, logo se encaminhou o discipulo para a cova do santo, metteu a mão pelas rexas do gradil, e, remexendo o que quer que havia, deparou-se-lhe uma cabaça, como as que soem trazer peregrinos e romeiros.

— Grandes Deuses! exclamou elle. Eis uma reliquia sagrada. É o conteúdo d'essa cabaça quem por certo tem levantado as

forças ao Mestre, fazendo-o tão rubicundo e gordo. O que serve ao grande molosso deve tambem servir ao perro magro.

E ditas estas palavras sacudiu vascolejando a cabaça, e, levando-a ao nariz, foi pensando: «não haverá mal nenhum em tomar um trago d'essa agua milagrosa.»

E respeitosamente tirou a rolha da abertura, que collou á bocca, e, fechando os olhos, empinou-a toda, devotamente. E em verdade, sentiu-se como que restaurado!

Pela noite, já em adeantadas horas, crendo que o Mestre dormia a somno solto, levantou-se da cama com todos os precatos, e, pé ante pé, se esgueirou para traz do altar, onde estavam as santas reliquias e a cabaça. Não pôde conter a volupia de repetir o prazer peccaminoso que já havia pela tarde antes experimentado — eis, porém, que se esbarra com o Bonzo, que lá estava sentado junto ao gradil e tendo na mão a cabaça já vazia... Vinham os dois ao mesmo pote.

— Meu filho! (disse o velho com a voz quasi velada) chegou agora o tempo de

confessar-vos a verdade. As rendas d'este templo não dão mais para dois; escasseiam dadivas e esmolas, e, com a terrivel secca que ha, são dia a dia mais raros até os mesmos cardos do campo, de tal arte que o nosso fiel e serviçal jumento ha de fatalmente ficar em só pelle e osso. Montae a alimaria antes que morra e buscae outra terra melhor, onde não haja fome nem carestia, e seja campo mais fecundo á tua vocação. Ide-vos e deixae-me aqui morrer tranquillo no meu posto.

E o velho Mestre, enfraquecido de jejuns e orações, foi-se deitando sobre o tumulo do santo e adormeceu como um filho no regaço materno.

Ao romper do dia o joven aspirante ao sacerdocio pôz-se de pé, e já se aprestava a partir, quando, com voz fraca, o interrompeu o velho Bonzo, dizendo: «Vinde um momento até a mim, para que vos dê a minha benção, pois sem ella não lograreis a felicidade.»

O moço obedeceu e, de joelhos, emquanto o velho Bonzo o abençoava, ia di-

meditações. Por todos os modos quantos se considerem, temo dizel-o, não passa aquelle meu veneravel Mestre de refinado hypocrita, pois elle, e não os Deuses, é quem esvasia e devora as primicias e dadivas dos crentes.

E n'estas considerações ia-se afastando, escanchado no jumento, a entrevêr outras terras novas que procurava, onde cessassem a fome e a secca terriveis, onde houvessem homens de ventre cheio e mulheres devotas e pias, e houvesse occupação para um sacerdote e um pasto humído e relvoso para o misero jumentinho.

Um dia, estando já muito alto o sol, o animal, que até então se mostrara ardego e rijo, entrou a tremer das pernas, e, subitamente, cahindo de joelhos «como se fizesse a ultima oração», espichou-se morto. Foi uma grande desgraça essa que coube ao joven Bonzo, estarrecido e por algum tempo sem falla. E, ao cabo de tanto pesar, ajoelhou-se ao lado da carcassa e alevantando as mãos orou por aquella alma da besta, alma infima, serviçal e victimada aos egoismos do

zendo: «Quanto mais tempo aqui ficar maior ha de ser a minha fome. Devo sahir d'aqui e buscar um logar onde possa exercitar-me na santidade da fé, com toda a pureza d'ella. Oh! como é grande o apego, o amor dos homens pela mentira e impostura!»

Assim pensava a sós, mas ia alto respondendo ás bençãos do velho bonzo: *Namu Amida Butsu!* e tres vezes *Namu Amida Butsu!*

Despediu-se então do Mestre, montou o jumento, que, dando costas ao pequeno templo, sahiu ornejando na esperança de novos pastos. O joven sacerdote lá se foi, cheio de lagrimas e suspiros, considerando na sovinice e avareza do antigo Mestre e na segura crença de que tamanha descaridade e tanta gula havia de ser castigada inexoravelmente, castigada pela justiça dos Deuses.

—Ah! lastimava-se o pobre rapaz. Eu quizera, e deveria mesmo, arrebatar aquellas santas reliquias e depositál-as em logar santo, onde eu pudesse, desde a manhã até á noite, consagrar-lhes o fervor de piedosas

meditações. Por todos os modos quantos se considerem, temo dizel-o, não passa aquelle meu veneravel Mestre de refinado hypocrita, pois elle, e não os Deuses, é quem esvasia e devora as primicias e dadivas dos crentes.

E n'estas considerações ia-se afastando, escanchado no jumento, a entrevêr outras terras novas que procurava, onde cessassem a fome e a secca terriveis, onde houvessem homens de ventre cheio e mulheres devotas e pias, e houvesse occupação para um sacerdote e um pasto humído e relvoso para o misero jumentinho.

Um dia, estando já muito alto o sol, o animal, que até então se mostrara ardego e rijo, entrou a tremer das pernas, e, subitamente, cahindo de joelhos «como se fizesse a ultima oração», espichou-se morto. Foi uma grande desgraça essa que coube ao joven Bonzo, estarrecido e por algum tempo sem falla. E, ao cabo de tanto pesar, ajoelhou-se ao lado da carcassa e alevantando as mãos orou por aquella alma da besta, alma infima, serviçal e victimada aos egoismos do

homem, e entrecortava as resas com aquellas fortes palavras: *Namu Amida Butsu! Namu Amida Butsu!*

Emquanto assim se desatava na expansão d'aquella dôr, veio-se avisinhando um homem que, pela desalmada apparencia e ainda pelo traje, parecia um bem amado dos Deuses (que o é sempre o louco ou o bobo); esse estrangeiro pôz-se um bocado de tempo a encarar o joven Bonzo e, com esgares e um riso alvar de escarneo, exclamou:

—Ora vejam se já houve cousa tão extravagante! Um bonzo moço, sincero e ingenuo, a exorar a Budha! Já se viu curandeiro a beber as suas proprias drogas! Olha! toma-me estas vestes e dá-me o teu cinturão de padre. Se não sabes o que has de fazer com esse teu defuncto irmão, posso ensinar-t'o. O bobo então serás tu e eu o verdadeiro Bonzo.

—Não comprehendo bem o que queres dizer, respondeu, ainda choroso, o joven sacerdote. Que hei de eu fazer n'este mundo, se o grande Budha não chamar á vida essa pobre creatura?

O desmiolado estrangeiro achegou-se para o corpo do lamentado cadaver:

—Tira, pois, d'esse cadaver uma vida nova e excellente.

—Não te comprehendo!...

—Não comprehendes? Ah! ah! ah! e quem de nós é, pois, o sem juizo e o louco?

—E como é possivel, perguntou o joven Bonzo, que de um animal morto eu extraia uma particula sequer da vida? Se ainda se tratara dos sagrados despojos de um santo, seria cousa razoavel... mas de um simples jumento: *Namu Amida Butsu!*

Fez o estrangeiro um gesto de desprezo. E logo ajuntou:

—Devemos, com effeito, trocar os papeis. Ouve-me, pois, com attenção. Sepulta e cobre de terra a carcassa d'este asno, ajoelha-te em respeitosa distancia ante o improvisado tumulo e exora com a demencia da tua arte, e supplica a Budha, e a espaços vae dizendo aos que passarem por esse caminho: «Se em vossa vida e futuro quereis pouparvos a desgraças, vinde e lançae um obulo de

caridade para erigir-se aqui um templo sobre a cova d'esse santo, d'esse justo varão, que aqui jaz sem peccado.»

O Bonzo olhou espantado para o forasteiro e perguntou:

—E ao cabo aonde irá parar semelhante e tamanha profanação?

—Oh! idiota! (respondeu quasi em colera o desmiolado). D'onde és e aonde te instruiram? Ignoras acaso que ha milhares de fanaticos e inconscientes que hão de tomar esses despojos de um asno pelos de um santo, e hão de chover sobre ti as moedas? Pelo ceu, com todos os seus luzeiros e os seus Deuses! Quem me déra estar no teu logar. Não me contenho de riso deante da tua parvoice e da tua imbecilidade.

E com ar de mofa e escarneo o bobo se foi embora.

Quando o forasteiro, já ao longe, ficou fóra de vistas, o joven Bonzo cobriu de terra a fétida carcassa do jumento, e, andando alguns passos á frente, depôz uma escudela no chão, ajoelhou-se reverente e começou a

orar. E entrementes ia dizendo para os que acaso iam passando pela estrada:

—Ó vós que passaes, se quereis um preservativo para as attribulações futuras, ou seguro remedio aos males do presente, vinde e deixae alguns vintens superfluos para a egreja em honra do santo varão, que aqui repousa sem peccado!

Cahiram, emfim, as sombras do anoitecer, e já a escudela impava além da rasa, coagulada de moedas, fóra outras dadivas e regalos; e n'essa noite o Bonzo comeu e bebeu fartamente como nós outros peccadores.

Na manhã seguinte metteu-se no mesmo logar, em frente ao sagrado tumulo, e exhortou com longas supplicas e clamores, a commiseração dos viandantes. Quando o sol, já a afundar-se no horisonte, dava ás cousas as derradeiras e extensissimas sombras, notou o Bonzo que vinha pela estrada um carpinteiro (tal se deprehendia do seu traje e ferramenta), de volta, talvez, da lida diaria.

—Meu filho! disse o Bonzo, se queres mil annos de perdão dos teus peccados,

edifica uma cêrca ao redor do tumulo d'este santo varão, que aqui dorme sem peccado.

Em vão se queixou o homem de que não podia mais, tão cançado vinha.

—Mil annos de tormentos e penas infernaes, e o desafogo d'elles, recusas tu e por algumas horas de trabalho?!

E, com effeito, antes de soar as doze badaladas da meia noite no templo visinho, já se enfeitava o tumulo do jumento com o seu donoso gradil, e o pobre do carpinteiro, quasi morto e extenuado, ia-se embora.

Não passara um mez, e em logar da cêrca erguia-se já um muro, e por perto d'ali se erguia uma risonha casinha, amena habitação do novo Bonzo. Pouco a pouco se viu levantar um magnifico templo, com o seu altar ornado de ouro e laca; e, dentro em breve, o logar pio tornou-se afamado ponto de peregrinações, graças aos ineffaveis milagres que obravam as reliquias do santo, que ali dormia o ultimo somno; os surdos sahiam ouvindo, e sahiam com vista os cegos; os aleijados abriam mão das mule-

tas, e os que a natureza emmudecera ali recobravam a falla. Portento!

Não foi tudo isso, já se entende, a obra de um só dia. Com o correr do tempo, o joven Bonzo, o ex-ajudante, ficou magestoso e gordo; em publico, e quando sahia, não abaixava o olhar para o chão, e, se comia ou bebia, nada acceitava que não arroz e uma pouca de agua. Em torno d'elle agglomerava-se a chusma de gente, homens e mulheres, ricos e pobres, e era voz publica não havia como resistir á doçura angelica do seu sorriso.

Um dia, estando elle a considerar sobre as alegrias suavissimas do celibato e sobre o nada das cousas d'este mundo, veio-lhe á lembrança aquelle outro velho Bonzo da provincia de Honan, o seu antigo Mestre, de quem em tão singulares circumstancias se havia separado, e assentou em fazer-lhe uma visita. Irei mostrar-lhe, reflectiu elle, a inanidade da doutrina d'aquelle sabio, quando disse que «Maravilhosa é a sabedoria dos velhos e desprezivel é a simplicidade dos moços.»

Tive-o outr'ora por impostor, porque,

sem respeito ao tumulo santo e falho de toda a caridade, escondia a cabaça onde se reconfortava. Mas, todavia, não era mais que um parvo, que não commettia outro peccado senão o da mesquinharia. Porém, eu! que fiz d'esse jumento um santo e enganei a milhões de homens!... A minha visita ha de ser um acto de expiação e hei de levar ao pobre e velho Mestre alguns dos meus escolhidos acepipes.

Alguns dias mais tarde pôz-se em caminho o Bonzo, com a sua grande e costumada cafila de crentes que tomavam a si os não poucos gastos das viagens, e com isso acreditavam o remir o mais dos peccados que lhes pesavam n'alma.

O sol esplendido morria e afundava-se no seu sudario de nuvens de ouro, quando a procissão, emfim no seu termo, chegou ao templosinho modesto aonde o Bonzo outr'ora passara as horas cheias de paz do seu noviciado. Á porta estava o velho Bonzo, que, para enxergar melhor, com a mão trémula fazia sombra aos olhos agudos e brilhantes...

—Ah! disse o velho e alquebrado sacerdote, quando já perto os romeiros e se apeava o joven e gordo Bonzo. Quem é, pois, que aqui chega? Um bispo, acaso, com a sua romaria de monjas? *Namu Amida Butsu!*

Emquanto ia fallando, approximou-se o forasteiro, e ajoelhando-se disse:

—Meu santo Pae, não sou um bispo; sou apenas o vosso pobre discipulo! Tendes-vos já esquecido da vossa misera creatura? do vosso ajudante de outro tempo?

N'estes termos assim fallou, e porque não estava desacompanhado; mas no intimo escarnecia d'aquelle que por tão longos annos se déra por satisfeito só com aquelle mesquinho templo. Depois, levantou-se e mandou que seus serviçaes ali trouxessem alguns vasos ornamentados de ouro e laca, onde vinham os deliciosos presentes, e disse para os que o acompanhavam:

—Ide-vos por um pouco para o bazar proximo, até que de novo vos chame. Desejo estar a sós um momento com este veneravel Mestre.

E assim se fez. O velho levou-o para

dentro da capella, acocorou-se, convidou o hospede a fazer o mesmo, e logo observou:

—Em verdade, Budha te abençoou, meu filho!

O joven e já gordo Bonzo tomou a um dos servos uma garrafa de *Hana-zakari* (que são flores em plena efflorescencia), arrancou com os dentes a rolha, encheu dois copos do precioso licor e offereceu um ao velho Mestre. E então se acocorou de novo, para contar a sua historia.

Com zelo e minucioso escrupulo occultou o recontro na estrada com aquelle desmiolado bobo, mas a si proprio attribuiu a inventiva de utilisar-se da carcassa do jumento como de sagrada reliquia.

De olhos quasi fechados e pensativo, o velho Mestre ouvia o seu discipulo discorrer, mas interrompia-o, dizendo desenganadamente: «Maravilhosa é a sabedoria dos moços, e parva e tola a simplicidade dos velhos.»

E fez encher outro copo e sorriu benevolamente.

N'isso via o hospede a lisonja de quem

acabava de receber tão preciosas dadivas, e arrojou-se a achincalhar um pouco ao velho Mestre, accrescentando:

—Em substancia, os sabios não passam de uns inconscientes. A agudeza da mocidade é só a unica capaz de crear alguma cousa nova. Eis-te ahi, com as tuas reliquias de um verdadeiro santo, a passar miserias, ao passo que eu tenho até o superfluo, com a só carcassa de um asno morto. Confessa, pois, que, com effeito, algo tens de aprender do teu discipulo.

O velho examinou-o curiosamente, e, em voz grave:

—Meu filho! respondeu, eu não te invejo o teu sumptuoso templo, nem os luzidos altares, nem o eloquente primor da tua lingua, nem os teus milhares de fieis e conversos, nem ainda teu lindo enxame de raparigas, pupillas e noviças. É esse o fructo do teu trabalho (e entre essas palavras estendeu o copo e fel-o encher de novo). Quanto a mim, inspiro-me e esforço-me por mais alta perfeição. Mas que te não demasies muito com tamanho orgulho, a

respeito da tua penetração e finura; e não te persuadas, pois, que a tua sciencia é maior que a minha. A ideia que achaste, e que julgaste nova, é tão velha como aquella serra que lá vês ao longe, e é cousa que ha e sempre houve, aqui e em toda a parte onde houve fé e houve crentes.

E em seguida, meio a sorrir e entremostrando os agudos dentes, o velho Bonzo apontou com o dedo para o tumulo onde estavam as santas reliquias, e disse abaixando a voz:

—Olha! os ossos que ali estão... são da mãe do teu jumentinho!

respeito da tua penetração e finura; e não te persuadas, pois, que a tua sciencia é maior que a minha. A ideia que achaste, e que julgaste nova, é tão velha como aquella serra que lá vês ao longe, e é cousa que ha e sempre houve, aqui e em toda a parte onde houve fé e houve crentes.

E em seguida, meio a sorrir e entremostrando os agudos dentes, o velho Bonzo apontou com o dedo para o tumulo onde estavam as santas reliquias, e disse abaixando a voz:

—Olha! os ossos que ali estão... são da mãe do teu jumentinho!

Th. Fontane

Uma senhora da minha edade...

Carpe diem.

UMA SENHORA DA MINHA EDADE...

Carpe diem.

—Vossa Excellencia ha de permittir que seja eu quem lhe apresente a sua taça d'agua...

A senhora curvou-se como em signal de assentimento.

—... E lhe faça companhia no seu passeio até á fonte... se é que, bem entendido, não haja n'isso qualquer inconveniente.

—Como assim? sr. Conselheiro! Uma senhora da minha edade...

—Não ha edade que esteja a salvo contra a boa opinião dos nossos amigos. Ao menos aqui, n'estas aguas de Kissingen.

—Sim! é possivel isto, mas tratando-se de homens.

—... E mesmo de mulheres. E quer-me parecer que, com razão. Lembra-me agora um pequeno caso que se passou com a famosa sr.ª Schroeder...

—A mãe de Schroeder-Devrient?

—Exactamente, ella mesma.

—E que foi então?

—O inverno passado, em Vienna, contava-me ella com saudades a sua vida sentimental d'outros tempos, o tormento infinito de novas felicidades, todas essas loucuras que conseguiu vencer, até que, apoz tantas paixões, logrou emfim o repouso. E como eu perguntasse um pouco indiscretamente *quando* se deu a sua ultima paixão, ella suspirou: «haverá dous mezes!»

—E que edade tinha ella então?

—Sessenta e tres annos!

—Oh! mais do que era mister para ser minha mãe. E comtudo persisto em repetir, como ha pouco: «uma senhora da minha edade.»

—... Mas quem era a gentil dama que

vi o senhor hontem, como *cavaliere servente*, acompanhar até á Montanha-negra?

—Uma amiga, a baroneza Assmannshausen, que é de ante-hontem para cá uma avósinha, como soberba, com orgulho, me esteve a contar...

—Com orgulho? mas em verdade é ainda formosa e cheia de vida. E ainda em cima com aquelle nome todo fogo. Olhe, tome cuidado e lembre-se do caso da Schroeder...

—Ah, minha excellentissima senhora, creio que está a zombar... Eu, sim, eu é que pela minha parte posso dizer que está tudo acabado.

—Tudo acabado? pois sim! quem lhe dará credito? Os homens não acabam nunca; nem o precisam e nem o querem. Terei necessidade de citar-lhe, e só fallando dos meus conhecidos, os nomes de quantos aos setenta annos celebraram felizes nupcias? Naturalmente heroes de Marte, que abrem o prestito e logo o fecham... Mas, eis-nos aqui na vereda da ponte e no moinho: voltaremos pela mesma estrada por onde viemos ou preferirá acaso contornar a cidade e visitar o cemiterio?

É tão pittoresco e desperta tantas recordações! Ou não gostará o senhor de vêr um cemiterio?

— Ler pedras tumulares opprime a memoria...

— Modo mais simples é só passar por ellas e curvar-se: lêl-as, não... E, em verdade, do vosso sexo forte ha muitos que não querem nunca lembrar-se de que ha um fim para tudo, ou, por outras palavras, que todos morreremos.

— Não estou entre esses, minha senhora; o que era vida em mim já lá atraz ficou, e posso repetir, como ha pouco, que já me considero acabado.

Sorriu ella docemente, e depois continuou:

— Pois bem, iremos primeiramente pelas cercanias da cidade, e depois até o cemiterio.

E n'isto, passavam pela vereda do moinho e foram andando por uma azinhaga da campina. Altas, no azul, boiavam as nuvens, e banhava-os de alegria o ar fresco que vinha das montanhas ao longe. Debruçavam-se sobre a estrada as vermelhas papoulas que a

senhora, curvando-se, ia colhendo e reunindo em ramilhete. Quando já havia formado uma grinalda, disse: «Papoulas rubras! são bem as flores que me assentam; até aos dezeseis annos preferem-se as violetas; aos vinte vão melhor as rosas, e aos trinta as verbenas, cujo nome passo em silencio e não sem intenção. Depois dos trinta, tudo se esvaiu; e só ha colher ainda e sempre as papoulas, hoje rubras e ámanhã, talvez, já brancas, e com ellas formar inuteis corôas. E, sem duvida, assim é que deve ser: pois papoulas querem dizer somno e repouso.»

* * *

E foram assim andando, até que o estreito atalho, que iam abrindo pelo campo, veio morrer n'uma larga estrada, ao longo de um grande parque. Os choupos e os bordos bracejavam as ramas para fóra do gradil, e do parque, que pertencia a um grande hotel, irrompia pelo terreno eirado do cami-

nho, n'esse momento, uma turba de desportivos, os empertigados *virtuose* da bicyclette, e entre saudações, risadas e apitos, foram passando... O pequeno tamanho das cabeças e o franzino dos corpos, apertados nas malhas do tricot, não deixavam duvida de que eram estrangeiros.

—Inglezes, talvez?

—Não, americanos (disse a senhora), são os meus *vis-á-vis* de todos os dias, á mesa. E, é singular, sempre me alegra o coração todas as vezes que os vejo. O frescor da vida só elles o conhecem, e n'isso, como em cousa alguma, estive tanto concorde com o meu defuncto marido, que passou alguns annos em Nova York e no grande oceano; e muitas vezes nos enthusiasmavamos sem saber qual de nós era o mais deslumbrado. E, para dizer toda á verdade, não comprehendo como não tenha já toda a gente emigrado.

—Tambem pela minha parte tenho o meu quinhão por esse enthusiasmo. E antes de me fazer funccionario occupei-me seriamente com o plano de uma migração. Mas

isto foi vinte annos atraz, e o plano foi para sempre enterrado. A America joven como ella é, é para a juventude. E eu...

—... o senhor está já morto e acabado, interrompeu ella sorrindo. Mas tanto o senhor m'o diz quanto menos o creio. Olhe, lá está ao longe a Montanha-negra, por onde ainda hontem, em longo passeio, subia o senhor, e que parece agora perguntar-lhe: «onde andará a Baroneza de...?» Qual é o nome d'ella?

—Não nos importa o nome agora; mas no que diz respeito á Montanha-negra, ella a esta hora está-me vendo e sentindo alto de mais, para dirigir-me essa pergunta.

* * *

N'esta conversa se foram distrahindo até chegarem ao ponto que convencionaram; passaram pelo cruzeiro e penetraram o limiar do cemiterio. Ao lado esquerdo a casa do sachristão tinha abertas as portas, e no te-

lhado e no umbral das janellas chilreavam garrulos os pardaes.

—Agora serei eu o seu guia, disse a senhora. A leitura d'essas inscripções, notou já o senhor, opprime a memoria. Pois bem! deve ser verdade isso; todavia, não hei de exigir-lhe tudo. Ora aqui estão uns... tumulos de anjinhos; uns ao lado de outros. Peço-lhe que os leia.

O senhor que a acompanhava não se furtou a obedecer-lhe e leu a meia voz: «Aqui jaz e descança a innocente creatura...», porém, lida apenas essa palavra, teve que adeantar-se para a frente, procurando decifrar na lousa o nome, já meio apagado pelas chuvas.

—Não mais! interrompeu ella vivamente. «Aqui jaz a innocente creança...», para que saber mais? é já o bastante, e sempre que o leio sinto uma pontada no coração. Esse foi justamente o logar espesinhado pelos prussianos, quando tomaram e derruiram a porta do cemiterio, e foram esta cruzinha e esta lousa, com a simples e commovedora inscripção, as primeiras victimas...

Mas vamos adeante, que as pedras dos innocentes não contam muito e antes dormem tranquillas. Quero antes mostrar-lhe a de Ruth Brown.

—Este nome parece-me inglez.

—E o é, realmente, o da generala Ruth Brown. De resto, é apenas a historia que diz respeito ao tumulo, e o principal, em verdade, nada tem que vêr com as exterioridades de uma lousa. Imagine o senhor que a generala tomou aqui um tumulo de aluguel, ou, pelo menos, um tumulo de segunda mão.

—«A second hand grave?»

—É verdade, póde-se assim dizel-o. Esse tumulo primeiramente, ao certo, tinha outro dono, e era a morada toscamente apparelhada de um official que succumbiu aqui na batalha de Kissingen. Mas como o corpo do official foi exhumado para a sua patria, na Prussia occidental, o tumulo ficou vasio. De novo se lhe preparam as paredes e a abobada e para elle então veio a generala. Eis ahi, pois, um cemiterio com acabos e mortos que não descançam, com repousos não eter-

nos mas interrompidos, cousa de que ninguem está melhor informado que esse que ahi está...

E, n'esse instante, passava a senhora do tumulo da generala a outro, visinho, cuja inscripção o cavalheiro que a acompanhava pôde ler sem difficuldade, e resava ser a ultima morada do mestre selleiro, Carlos Teschner, de Glogau.

—Leu-o?

—Li, sim. Que interesse tem?

—Particularmente, nenhum... disse ella. E comtudo não posso passar por aqui sem visitar esse tumulo. Examine bem e verá que é um marmore todo composto de frágmentos. E explica-se assim. Aos 7 de julho de 65, falleceu aqui (e aqui, nas aguas de Kissingen, infelizmente tambem se morre!) o afamado mestre selleiro, cujo nome acabou de ler, e aos 10 do mesmo mez ahi foi n'essa cova enterrado. E exactamente um anno mais tarde, quasi hora por hora, explodiu ahi mesmo uma granada prussiana vinda de Altenberg, e pôz em estilhaços, por aqui e por ali, essa pedra mortuaria. Cousa singular. A catastrophe teve um epilogo pacifico, graças a Deus, pois os cidadãos de Glogau, que tinham em grande estima o seu mestre selleiro, logo com a noticia do desastre mostraram-se diligentes em remedial-o, pegaram dos fragmentos e, ensamblando-os, concertaram e compozeram tudo em ordem. Ficou um mosaico que diz mais que quantos mosaicos ha pelos museus. Agora, porém, sinto-me extenuada de fadiga, e o senhor far-me-ha o obsequio, antes que o deixe livre, de acompanhar-me até o meu logar predilecto.

Era esse um banco, todo coberto por um freixo de cahidas ramagens, bem no centro do cemiterio, em cuja visinhança se levantava um grande e sumptuoso prisma de granito, de singular belleza, tendo no alto um elmo e uma espada.

—Em memoria de quem é?

—Na de um amigo. Sim, era devéras meu amigo. E para ser sincera, era ainda mais que um amigo. E depois veio a vida só para nos separar. Porém, essa primeira impressão fica ao menos para um coração

de mulher. Ha já uma edade de homem que sobre isto passou (era eu então apenas uma menina), e se tivesse morrido, como era minha vontade e minha esperança, poder-se-hia tambem escrever sem erro na minha pedra: «Aqui descança a innocente creatura...» Mas eu não morri, e fiz o que todos fazem, esqueci-me, ou pareceu que esqueci. Foi um bem e fui eu feliz? Não tenho razão alguma para fazer-lhe confidencias. Mas veio-me á lembrança de quando, tres semanas ha, entrei pela primeira vez n'este cemiterio, e depois de tanto tempo posto entre o presente e o passado, sem nenhum vestigio de presentimento que me fizesse esperar essa revocação, encontrei esse mausoleu e n'elle o nome para mim tão querido e amado...

— Mas que cousa, emfim, separou a senhora d'elle? Não m'o poderia contar?

— Uma senhora da minha edade póde tudo contar, e até os proprios erros, senão alguma pequenina falta. Mas, não se horrorise o senhor, eu respeitei sempre terrivelmente todas as convenções, e gosto de andar sempre pelos caminhos vulgares, mais do

que acaso m'o pede o coração. Diz-se, na verdade, que é preferivel seguir a estrada larga e commum, e feliz cousa é poder, sem temor, olhar retrospectivamente o caminho aberto e plano da vida. Não quero contestar. Mas creio que é muito mais interessante um olhar de saudade pelos accidentes do terreno difficil e já percorrido...

* * *

Assim foram indo a entreter-se, e durava ainda o dialogo quando se lhes approximou de ambos o sachristão, que vinha com duas lanternas na mão, e passada aos hombros uma correia d'onde pendia a grande chave da egreja.

— Que novidade ha?

— Um enterro, excellentissima senhora. Deve chegar por aqui em um quarto d'hora. É um anjinho. Comadre Morte sabe sempre o que faz e não leva nunca vaso ruim. Vou

pôr aqui duas cadeiras para a excellentissima e para o senhor seu esposo.

—Não, sachristão! este senhor não é meu marido. É um viuvo e considera-se homem acabado e morto (disse ella, desenhando na areia com a ponteira do chapeu de sol).

—Pois estava eu pensando em que eram suas excellencias um casal, e que bello e feliz casal, tanta harmonia fazem juntos. E tão encantadores... principalmente vossa excellencia...

—Mas, sachristão, deixa-te d'essas palavras que me fazem soberba... Uma senhora da minha edade...

—Ah! os annos não valem nada, o coração é tudo. E emquanto elle bate ninguem ha que esteja acabado ou morto. Acabam só os que morrem. Mas já está chegando a hora e é tempo de ir accender as luzes.

Vinham da estrada cantos religiosos e não tardou que o acompanhamento entrasse pelo portão: na frente os meninos de côro com cirios e thuribulos, e em seguida os padres com as suas vestes coloridas e ornadas; atraz, vinha o caixãosinho seguro por seis pessoas, e ao lado outras seis que as seguiam; e, emfim, o prestito dos amigos e da familia; e foram colleando por entre os tumulos em caminho da capella.

—Devemos acompanhal-o?

—Não, disse ella. Acho que devemos ficar onde estamos; tudo isso me impressiona como se dentro ali houvesse de ser estrangulada. A porta da capella está aberta, o ar é sereno e tranquillo, e d'aqui poderemos seguil-o, com o ouvido ao menos. E eu creio que, se o applicarmos, ouviremos tudo.

N'esse instante voejava uma borboleta por entre as lousas, e vinha da egreja o canto lento dos responsorios do eterno ephemero.

E, tomando a mão d'ella:

—A morte, disse elle, a morte lá dentro deante do altar nos diz o precario de todas as cousas, ou na mocidade ou fóra d'ella. A nós, de todo o nosso quinhão, só nos cabe, certa, apenas uma hora. E uma hora, quando ella é de felicidade, já é muito. Não

é a medida do *tempo* mas a da *fortuna*, é a que nos governa. E, pergunto eu agora, é a senhora acaso tão velha que deva renunciar á felicidade?

— E para dar-me *por acabada e morta*?...

— É um singular momento esse que escolhi (continuou elle sem reparar na leve ironia da sua interruptora, cuja voz entretanto sentia trémula). Um momento singularissimo: um cemiterio e um tumulo que se abre. A morte, porém, nos segue, passo a passo, e quando nos deixa olhar, um instante sequer, para a vida que nos sorri, mais fundo o prazer da vida nos embriaga. Ah, é bem verdade. Tanto mais certo é o fim de tudo, tanto maior é a embriaguez do minuto que nos resta, e mais urge a sentença: «aproveita o dia».

OS DOUS RIVAES

A historia que se vae contar, aconteceu n'um tempo em que principalmente haviam milagres e eram cridos. Hoje, que ninguem mais crê, não se afadigam os santos em obrar as suas maravilhas, com o que muito bem fazem, n'um tempo em que são desnecessarias entre pessoas que, noventa e nove por cento, tudo explicam pelas simples leis da physica.

Era, pois, um dia bellissimo de verão; bimbalhavam os sinos: o carrilhão solemne e grave e os sinos menores e agudos, em tom festivo e jovial. Assenta bem uma pouca de alegria entre romeiros, em dia de festa.

Pela egreja dentro enfiava-se, apertada,

é a medida do *tempo* mas a da *fortuna*, é a que nos governa. E, pergunto eu agora, é a senhora acaso tão velha que deva renunciar á felicidade?

— E para dar-me *por acabada e morta*?...

— É um singular momento esse que escolhi (continuou elle sem reparar na leve ironia da sua interruptora, cuja voz entretanto sentia trémula). Um momento singularissimo: um cemiterio e um tumulo que se abre. A morte, porém, nos segue, passo a passo, e quando nos deixa olhar, um instante sequer, para a vida que nos sorri, mais fundo o prazer da vida nos embriaga. Ah, é bem verdade. Tanto mais certo é o fim de tudo, tanto maior é a embriaguez do minuto que nos resta, e mais urge a sentença: «aproveita o dia».

A. Gugits

Os Dous Rivaes

(S. Pancracio e S. Damaso)

OS DOUS RIVAES

A historia que se vae contar, aconteceu n'um tempo em que principalmente haviam milagres e eram cridos. Hoje, que ninguem mais crê, não se afadigam os santos em obrar as suas maravilhas, com o que muito bem fazem, n'um tempo em que são desnecessarias entre pessoas que, noventa e nove por cento, tudo explicam pelas simples leis da physica.

Era, pois, um dia bellissimo de verão; bimbalhavam os sinos: o carrilhão solemne e grave e os sinos menores e agudos, em tom festivo e jovial. Assenta bem uma pouca de alegria entre romeiros, em dia de festa.

Pela egreja dentro enfiava-se, apertada,

uma multidão de gente sem conto, vinda de longe, castigada pelo sol quente e descoberto, e agora á sombra, entre nuvens de incenso. Soava um bello canto no côro, e o orgão com as suas sonoridades ricas, volumosas e profundas movia até o imo do coração. E esperavam todos o cumprimento milagroso de alguma promessa feita n'esse logar tão afamado de peregrinação, e mimoseavam a S. Pancracio não só com preces, orações e incenso, mas com coraçõesinhos de prata e pernas de cera, lá dependuradas, e grossas velas bentas e innumeros patacões que tilintavam cahindo no sacco, fóra outros que passavam ao padre para alguma missa de intenção.

Os pedidos ao Santo eram, em verdade, desavergonhados alguns, outros pusillanimes e sem fé, uma parte justos, outra parte injustos, impiedosos ou hereticos, tudo sem compostura, misturadamente. S. Pancracio, porém, ouvia tranquillamente a todos e nem dava mostras de se abalar com essas fraquezas.

Sabia, de resto, o santo que metade de

tamanhos louvores, certamente, não lhe cabiam. Nem tão grande era o seu poder para melhorar os que iam mal ou para soccorrer aos necessitados. Aos mais numerosos ia, pois, despachando sem deferir, pois que não mereciam a sua graça; a uns poucos, succedia sorte melhor, e aos restantes cabia soffrer. Tambem elle pelo soffrimento foi que se fizera santo. Não podia negar a boa fortuna, porque, a fallar francamente, se em materia de milagre não tinha de que se vangloriar, comtudo de tempos a tempos punha por obra a sua intercessão, não raro e rudemente provada. Mas o que acontece aos medicos e a outros physicos, que por algumas curas felizes fundam a fama de salvadores e ficam capazes de concertar e dar remedio a todos os males, o mesmo veio acontecer a S. Pancracio. Outro santo ali haveria acaso de egual poder, mas lá ficou inglorio, obscuro e abaixo d'aquelle.

Ora, bem fronteiro a S. Pancracio, em outra capella, estava S. Damaso, que era o santo inglorio e obscuro, pobre e eterno proletario. Com maguado semblante via entra-

rem e sahirem annos, e os povos a acotovellarem-se deante do seu concorrente feliz, emquanto que a elle só o buscava um ou outro fiel desgarrado, e ainda assim, o mais das vezes, para dormir, porque era a sua capella mais fresca e tranquilla. Isto, sobremodo o aborrecia. Não é que invejasse as merecidas honras a Pancracio (ainda que este apenas uma vez, e desde muitos annos, lhe dirigira a palavra), mas era natural que reclamasse um pouco de attenção para si. E lembrava-se então do tempo em que, esculpidos e encarnados de fresco, vieram ambos da officina de um frade santeiro, e como dous doutores novos e inexpertos, á espera do primeiro cliente, estiveram um bocado de tempo a catar em vão a primeira creatura afflicta a quem podessem, dentro de suas forças, remediar. Mas, de ordinario, santos muito novos e com a tinta fresca não inspiram confiança a ninguem. E assim andaram a enfastiar-se, até que as tintas entraram a rachar e a ennegrecer. O mais frequente de suas conversas era mais ou menos n'este tom:

—Com que então dormiu bem? dizia um.

—Obrigado, pelo interesse que toma. E você, como se foi de somno?

Afinal, declarou-se a fortuna por S. Pancracio. Com isso ficou Damaso esquecido, e veio a poeira e cobriu-lhe as santas vestes. Se uma vez ou outra o limpavam e asseavam, não o faziam em favor d'elle, mas por causa de Pancracio, em cuja honra se caiava o templo e se poliam as capellas e altares, pois era quem dava renda e lucros ao claustro.

E foi o que zangou ao bom Damaso. Pensava elle dia e noite, e não se lhe apartava da ideia, no modo de fazer efficaz concorrencia ao seu victorioso rival, ali em frente. Veio-lhe á mente que nada haveria melhor para esse fim do que um milagre publico e notorio, que chamasse a attenção. Mas não era isto cousa facil e nem se sentia com o prestigio devido para confiar n'um appello á suprema instancia. De tanta lastima, como se doença fôra, começou a sahir-lhe, em escamas, a encarnação e pintura; mas, fóra isto,

gosava saude; a poeira não lhe fazia mal e, de resto, podia resistir, pois era feito de carvalho de lei.

Um dia, quando havia grande festa e peregrinação, entrou pela capella de S. Damaso, que estava como sempre deserta e tranquilla, um pobre homem de aspecto miseravel, que entre dôres gemia muito e levantava os olhos para o ceu. Arrastava-se lastimosamente sobre muletas, com o braço em tipoia e a cabeça toda envolvida em tiras. Sósinho e sem que o vissem acolheu-se á capella de S. Damaso, não para resar mas para buscar um pouco de repouso e não ser mais obrigado a gemer tanto, cousa que já não aproveitava ali, visto não haver ninguem, e afinal para contar descançadamente o seu rico dinheirinho das esmolas, arrancadas á compassiva caridade dos peregrinos.

Não passava, porém, de refinado tratante, que sabia com arte accommodar as pernas sãs ao meneio das muletas e compôr todo um semblante que movia á compaixão. Com esses postiços fazia o hypocrita grandes ordenados, que com trabalho honesto jámais

alcançara. Taes como este havia muitos n'aquella peregrinação. E o miseravel entrou e sentou-se nos degraus n'um canto do altar, sob a imagem de S. Damaso, e começou a rir-se da imbecilidade dos fieis e dos milagres de S. Pancracio.

S. Damaso, em justa colera, exclamou:

—E tal patifaria se passa aqui deante de minhas barbas! (E ao dizel-o é certo que sentiu um tremor, onde havia qualquer cousa de alegria). Como é, pois... como é... espera lá, grandessissimo!

E o tratante, quando sorria olhando para cima, deixou cahir na caixa vasia do santo uns cinco réis falsos, dizendo:

—Ah, meu pobre santo, mereces bem que sôe ao menos uma moeda no teu mealheiro; teu irmão e eu fizemos melhor negocio e é que sabemos como se ha de levar os homens. Tu és um pobre diabo de santo honesto...

—Espera lá, esfarrapado! exclamou o santo indignado, que te quero apanhar.

E tanto se mexeu e se remexeu o santo que vacillou e *catrapuz!* cahiu sobre o mendigo, fazendo-lhe um gallo na testa. O santo,

comtudo, nada soffreu, porquanto, conforme observamos acima, era de carvalho revesso.

O ratoneiro, que não julgara outra cousa senão que, com suas blasphemias e improperios, havia chamado sobre si o diabo e os infernos, tomou-se de grande medo, largou as muletas, tiras e chumaços, e á perna solta deu ás de Villa Diogo.

Romeiros e peregrinos voltaram-se attonitos ao vêr o santo cahido do altar e aquelle aleijado agora a correr aforradamente, desempedido como homem são. E logo gritavam: «Milagre dos milagres!» e logo foi o maltrapilho rodeado por uma centena de fieis.

O misero, ainda attonito e a tremer, receando uma sova pelas suas maroteiras, começou a contar, comprida e largamente, os seus antigos soffrimentos, e depois como, estando a pedir ao esquecido santo um signal de sua graça com que o curasse, desceu S. Damaso da peanha e tocou-o com brandura. Do gallo que tinha na testa, nada quiz referir. E todos de novo gritaram: *milagre! milagre!* e deram generosos presentes ao curado e só depois voltaram para o santo,

que jazia ainda de barriga para baixo, pois a verdade é que o primeiro a quem se acode é ao canalha.

Foi S. Damaso festivamente posto no altar, e agora que se publicara tão extraordinaria maravilha, para elle voltaram-se as preces, as nuvens de incenso, as velas de cera e as moedas. Pancracio ficou estupefacto e jámais imaginara que tal acontecesse. E assim ficou, não só n'aquella occasião mas pelo tempo adeante. Com effeito, os monges volveram todos a attenção para S. Damaso; desde aquelle prodigio incomparavel engrossara a caudal dos peregrinos e S. Damaso olhava tranquillamente para aquella devoção toda obra sua. E não tardou que a deserta capella de Pancracio só fosse visitada por um ou outro raro e fatigado romeiro que a procurasse por mais fresca e quieta; e subtil, e malicioso, Damaso sorria. Com o correr do verão, os meritos de Pancracio foram desbotando e se apagaram. Agora Damaso estava em toda a voga.

É cousa humana e divina que isso não poderia parecer justo a Pancracio; doeu-lhe,

pois, essa injustiça, e, de pesar, em escamas lhe saltou a tinta, descascando-se até o samo. E todo o inverno levou o esquecido santo a parafusar em como poderia rehaver o antigo prestigio. Aprazou a questão para solvel-a no inverno proximo. E não mais volveu o olhar para S. Damaso; não lhe parecia digno, entretanto, que o houvessem despojado de tudo.

O patife do mendigo de muletas e chumaços andava desapontado, pois já se lhe havia acabado o segredo do rendoso negocio e não era homem para se resignar ao trabalho. Resolveu, pois, tentar fortuna, e quando foi vinda a primavera, metteu-se nos antigos andrajos, pôz-se a coxear e a gemer como d'antes.

E lá se foi á peregrinação. Choviam-lhe as esmolas, que ninguem decerto o conhecera entre tantos dos outros; e o canalha uma vez por outra sorria para S. Damaso como para attestar-lhe quanto o santo devia da sua boa sorte. O santo, porém, parecia recusar irritado os louvores de creatura de tal jaez, a quem não poderia ser grato, e sen-

tia-se envergonhado deante do pobre S. Pancracio.

Aconteceu que certo dia de grande calor, foi o miseravel acolher-se á capella do esquecido Pancracio, por ser mais fresca e sem tumulto, para contar os cobres, e olhava de esguelha para S. Pancracio, como a zombar do revez que opprimia o santo. Este, irritado e reconhecendo o tratante, pensou logo, como lhe convinha, em seguir a lição do rival. Assim pensou, e assim o fez... *Catrapuz!* e pulou com toda a força sobre o mendigo, e tão certeiro que lhe abriu uma brecha na perna e fez esguichar o sangue. O terror foi maior ainda. Todos começaram a clamar: *milagre! santo milagre!* e todos creram que o santo desamparado, com isto quiz dar um mysterioso signal e mostrar-se aos homens. Apanharam e seguraram condoidamente o mendigo que coxeava... Mas, eis a sua má ventura! muitos do anno passado o reconheceram como já sarado. Então levantou-se uma gritaria, doestos, gritos e palavras descompostas. Em milagre ninguem mais pensára, mas n'uma tratantada. O falso men-

digo, já sem coragem, baixinho, arrependido, contou «como de facto havia sarado por milagre de S. Damaso no anno passado, mas que com a sua antiga e longa invalidez não pudera em pequeno aprender officio algum, e sarando pois, viu-se em miseria irremediavel. Com um peso no coração, viu-se coagido a fazer-se de mendigo para obter alguma esmola aos christãos compadecidos. Além do que, já agora, tinha elle uma perna machucada e a escorrer sangue.»

Todas as pessoas se sentiram commovidas e tocadas d'aquelle infortunio e deram ao pobre homem esmolas numerosas. De milagre, porém, ninguem se atreveu a fallar, pois não é celeste maravilha, senão accidente humano e terreno, machucar uma perna de mendigo, ou dar saude a quem já a tinha para vender. E deixaram ao pobre S. Pancracio jazer no pó.

—Em verdade, para essa gente, não é milagre descobrir um refinado tratante (notou S. Pancracio com tristeza e surdos gemidos dolorosos).

O santo estava, com effeito, muito mal-

tratado da queda, porque, longe de ser de madeira de lei, era de lenho ordinario. E quando foi posto na sua peanha e lá ficou, solitario e esquecido, piscou o olho para S. Damaso, como dizendo:

—Vale sempre a pena topar na vida com um tratante...

E não accrescentou mais...

Mas quem maior milagre obrou, se S. Pancracio ou S. Damaso, a esse respeito as chronicas calam-se. E tambem para quê? ninguem hoje acreditaria n'essas cousas.

Th. Kirschner

A Morte do Deus Pan

«O IV seculo da era christã foi o longo crepusculo dos deuses antigos e a grande aurora do christianismo. Os bosques, os mares, as grutas e os rios perderam as suas divindades familiares...»

E. X.

A MORTE DE PAN

Era no tempo em que o Christianismo havia já vencido os antigos deuses.

Sombrio era o ceu, e o mar sombrio, rolando sobre a praia as retumbantes vagas coroadas de espuma, parecia entoar a lugubre canção da morte e do estrago.

Á margem, sobre um rochedo, sentou-se Pan e estendeu a vista tranquilla sobre as aguas. O tormentoso vento desfiava os cabellos ao velho Deus e a espuma das ondas rebentava-lhe aos pés as perolas do ultimo preito á divindade agora abandonada dos homens.

Mas Pan não via cousa alguma. Os seus olhos fixavam-se lugubres sobre as vagas.

E eis que deante d'elle pára um Monge

com um bastão, o habito negro desdobrado ao vento e no olhar extase bravio:

—Fóra! clamou elle apresentando uma cruz. Recúa ante esse signo que faz tremer os infernos!

Mas o Deus estava impassivel; deixou pousar os olhos negros e tristes sobre o peregrino e fallou:

—Porque me conturbas? Deixa-me morrer em paz!

—Morrer? mas tu mentes, inimigo. A maldade é immortal—immortal és tu!

—Immortal! exclamou Pan, e riu-se dolorosamente. Immortal, sim—se acaso te prostras aos meus pés, ó homem novo, e se ensinares aos homens a adorar-me de novo.

—Adorar-te? grunhiu o Monge braviamente. Tentador, eu te conheço! Demonio, nunca!

Pan, entretanto, levantou-se e disse:

—Nem eu t'o peço. Eu não mendigo a veneração dos homens. Eu vou á morte com os ultimos que ainda me honram, lá para os rudes valles aonde não chegou a Ideia nova.

Pensa na doçura do teu Mestre e deixa-me aqui n'esses valles morrer em paz.

Assim fallou o grande Pan e foi-se...

O mar tempestuoso bramia contra os rochedos como se quizesse talhar em ruinas a florente luxuria da pedra.

Lá longe, onde o campo sabino, azulado, domina as terras ferteis do Lacio, na orla da floresta existe um velho Templo cahido.

Herva damninha cobre-lhe o tecto; a uva espim enlaça-lhe os fustes com as folhas empalhecidas pelo outono, derramadas ao vento. Andorinhas nidificaram entre os acanthos dos capiteis, e uma moita de roseiras bravas deitou raizes no altar desamparado.

Deserto e solitario lá está o Templo (como a scismar nos longos dias que se afundaram e se foram) dominando as planicies luxuriantes onde agora os segadores alegres, cantando, compõem os feixes louros das espigas.

O dia declina e o sol borrifa de ouro a terra e o Templo em ruinas.

Mas não está o antigo Templo de todo

esquecido. Um velho, alquebrada columna da fé antiga, se approxima, vence a escarpa do caminho, afasta as emmaranhadas gavinhas da uveira brava e penetra até o altar. Com as mãos trémulas arreda a folhagem da ara sagrada, e ajunta gravetos e alguma lenha. Fere fogo e as chammas labaredam. E como sobre ellas o velho atira fructos em sacrificio, o fumo azulado desenrola-se em anneis e sobe ao esboroado tecto...

Mas alegre canção dos ceifeiros sente-se mais perto.

O velho, porém, nada ouve; dobra os joelhos ante o altar e alça as duas mãos em supplica:

«Pan! ó grande Pan! diz elle. Tu, o Deus de meus paes e de meus avós, tu que abençoaste as terras e os rebanhos. Vê, o ultimo sou em todo esse valle que ainda te adora. Já sou velho de mais para os Deuses novos. Has honrado a piedosa fé de meus paes com mil flores e fructos. Pan, ó grande Pan, abençoa-me a mim; bemdito sejas tu!»

E cada vez mais perto soava a canção dos ceifeiros.

O velho inclinou a cabeça e ao levantal-a vê á sua frente Pan, e ouviu maravilhado: «Nada temas, tu o ultimo que ainda em mim crês! Abençoado o campo que lavras, abençoado o rebanho que guardas ou apascentas, abençoado emfim sejas tu!» disse o Deus olhando-o docemente.

—Ó Pan, ó grande Pan, balbuciou o velho.

Subito vozes confusas soam por detraz d'elle.

—É o diabo! cruzes! é o demonio! gritaram.

—O tinhoso está solto! *vade retro! vade retro!* O Senhor é comnosco!

O velho crente levantou-se de um pulo e encarou os ceifeiros.

—É elle! gritaram, grunhiram. É o adorador de Satan! Morra! Morra!

O velho correu para junto de Pan, e transido de angustia abraçou-se-lhe aos joelhos: «Protege-me, Pan; protege-me!»

E o velho Deus abriu, espalmou as duas mãos sobre o perseguido, guardando-o, amparando-o.

Mas, contra ambos, pedras sibilaram, cortando o ar. As folhas batidas, despregando-se, levantavam o vôo; o marmore das columnas, ferido, estilhaçava.

Lapidavam-nos.

—Levanta bem alto a cruz! diziam. Esconjuremos o demonio. Morte aos incréos!

Morte! morte! rugia a multidão.

O velho perseguido lança-se aos braços do Deus e ambos affrontam a ira da turba.

—Eu morro! disse e cahiu sem alma aos pés do Deus.

Pan curvou-se sobre o morto, mas uma ultima pedra alvejando-lhe as temporas prostrou-o no chão inundado de sangue.

. . . . . .

Sobre os campos azues da Sabinia esparge-se um aroma de ouro. A estrella da tarde desprega-se como um diamante da corôa das arvores, douradas ao poente. E o intermundio, da terra ao ceu, enchia-se de uma ineffavel e abençoada harmonia.

O grande Pan expirava!

W. Schmidt-Bonn

A la mar!...

toda a gente passava rapida, erecta, com as mãos nos bolsos, resguardadas do frio intenso; iam até á margem do Rheno, a vêr se já vinham os gelos, que de remotas montanhas acaso teriam já rolado sobre as origens do rio gigantesco.

Passaram assim uns cinco ou seis dias na espectativa do grande acontecimento, o gel'aval dos Alpes longinquos...

* * *

. . . . . .

Acabára, emfim, a geada.

Sobre a noite, veio a lufada quente dos ventos do mar, e logo dos tectos, ruidosamente, começou a pingar a agua tepida do degelo...

Appareciam nas paredes do *Rathaus* os cartazes costumeiros, onde usualmente se liam as noticias do alto Rheno. Vinham pessoas curiosas d'aqui e d'ali; riam e fallavam.

As aguas do rio entumesciam e subiam... é que o gelo já andava perto.

A todas as horas, novos boletins pregados á parede; e as aguas mais e mais cresciam. Já se pudera dizer a hora certa em que o gelo apontaria na extrema curva do rio.

Pelo meio dia a multidão de gente apinhava-se, enorme, á beira d'agua, massa curiosa e compacta, d'onde, como espinhos, sahiam desegualmente dedos e bengalas que apontavam para além...

Uma ultima e solitaria canôa, á força de remos, affrontou ainda o rio e alcançou a outra margem: lá tambem formigavam diminuidas, á distancia, outras gentes...

Desparafusaram-se os parapeitos e cá e lá pela margem, afincaram-se *rails* e trilhos, reforçando pranchões, travados, para o caso da inundação glacial das aguas.

Veio primeiro o gelo do Mosa. Veio como em theatro, pontual, sem prodromo nem preludio, e em linha recta tomou de lado a lado a corrente.

Eram frustos, pedaços de gelo, redondos,

de côr escura, de transparencia de vidro; atropelavam-se, rodopiavam; enrodilhavam-se, giravam como rodas engrazantes; uns desprendiam-se e mudavam-se a outros, unidos rio abaixo e para sempre. Esses choques e recontros davam aquelle som singularmente agudo e claro que os bateleiros conhecem como o do gelo do Mosa; e esses tons multiplos e infinitissimos dos mil fragmentos do gelo, faziam uma como musica cantante, fina e suave que de ignoradas regiões longinquas viesse cortando o ar. E os frustos glaciaes, alulando e dançando davam vertigens aos olhos.

Já ao cahir da tarde, as massas de gelo se conglomeravam, apertadas, tal um rebanho perseguido e angustiado, unido aos pés do cão fiel e protector das ovelhas medrosas: então, aquella melodia de ha pouco tomava outros tons agora dolorosos, trémulos, guitarreiantes, abafados por outro troar surdo, soturno, profundo e minaz de origens obscuras: assobios, vozes de trovejar tempestuoso e roleiro, e logo apoz o borborinho chiante, fervendo cada vez mais perto...

E viram-se logo as grandes massas de gelo que de longe vinham das remotas montanhas, differentes das outras; vinham brancas, cobertas de neve, de arestas cortadas á faca, grandes como uma praça. E iam arrastando as legiões numerosas dos frustos que se lhe apertavam em grumos sem conto, como servos d'aquellas magestades brancas, grandes e invenciveis.

Era agora o degelo formidavel do Rheno.

Agora, pouco a pouco, desappareciam os pequenos pedaços escuros do gelo do Mosa, deante dos grandes, alvos e luminosos, e á musica suave d'aquelles succedeu o trom monstruoso dos que chegavam. A corrente das aguas estremecia excitada por aquelles movimentos titanicos e convulsos dos gelos que crepitavam, estalavam, trepavam-se, immergiam, sumiam, levantavam e baqueiavam em ruinas: já não eram fragmentos d'agua congelada, mas seres monstruosos a quem a crystallisação dera uma alma mysteriosa e uma responsabilidade na lucta pela vida: disputavam a tona e a superficie, luctavam, batiam-se, odiavam-se, cançavam, morriam.

E essa não sei que excitação de vida brutesca se communicava ás gentes apinhadas na margem, que viam talvez na torrente do Rheno o mesmo interesse da vida, e ali estavam quêdas, surprezas, quasi sem respirar, n'uma tristeza indefinivel que não podiam explicar. Uma palavra de espirito não achava ecco n'aquella assembleia solemne, grave agora, ainda mais entristecida pela sombra diffusa do anoitecer.

Vinha rapida a noite. Todo o rio, afinal, se tornára uma planicie lunar e branca, e lá de longe, na outra margem, emergiam como dedos negros e imanaveis as chaminés das fabricas. As montanhas longinquas já se haviam diluido na escuridão do ceu.

Subito, estremeceu a multidão. Algo de lugubre se annunciava: pessoas moviam-se d'aqui para ali; operarios, creanças, sem saber ao certo a causa, corriam.

Subito, e de pancada, se fez clara a verdade e um grito unanime sahiu como de uma só bocca gigantesca. E logo sobreveio o silencio funebre da angustia.

Lá dentro, no leito do rio, viram todos, anciosos, duas figuras de homem, duas sombras projectadas na brancura glacial da corrente, em cima de um bloco que derivava!

Dous homens! um d'elles sentado, accorado, de braços cruzados, sem mover-se, equilibrava-se no fragmento oscillante do gelo. O outro, porém, de pé, o chapeu na mão, agitava-o nervosamente para terra, bradando:

— *Hê! hê!* uma barca! soccorro! soccorro!

Mas quem ousaria deixar a terra pela aventura de um auxilio impossivel? Não houve maior piedade que a de exclamações e de angustias inuteis dos espectadores que não tiravam os olhos dos dous homens.

— *Hê! hê!* soccorro! soccorro!

Nada se podia fazer. Uma barca ao través dos gelos não resistiria. Galgar a distancia, saltando de bloco a bloco, tambem fôra impossivel, do contrario já este recurso teria occorrido aos mesmos naufragos, que derivavam á mercê da corrente.

— *Hê! hê!* soccorro! soccorro!

Ia enfraquecendo, ao longe, e cada vez

mais, a voz dos infelizes, e por aquelle clamor de morte, que se ia apagando, avaliavam todos a rapidez da corrente.

Desappareciam as vozes e os vultos esmorecidos entre o ceu negro e a brancura glacial do rio.

—*Hé! hé!* soccorro! soccorro!

De pequenos, semelhavam duas gralhas... um pouco mais, e já se não percebiam quasi. Discutiam, se ainda estavam á vista, muito longe; se eram aquelle pontinho lá adeante... Ao cabo, já se não viu mais nada.

Ninguem, dos que estavam na praia, sem embargo do adeantado da noite, ninguem voltou a casa. Continuavam todos a penetrar fixamente com o olhar o enygma escuro da noite onde, por ella dentro, desappareceram os dous desgraçados...

* * *

—Senta-te, meu rapaz (disse o homem mais velho e que estava sentado no gelo),

senta-te; é inutil; não vale a pena gritar, elles cá não veem.

E o moço, firmando as pernas, com o seu largo peito volumoso, offegante, e o rosto queimado do ultimo verão, e agora enrubescido pelo esforço apopletico dos gritos, cessou de gritar, mas levou algum tempo ainda a abanar o chapeu. Depois, nem isto. Virou as costas á cidade e riu-se. Olhando para o companheiro e coçando com as costas da mão os bigodes louros:

—Tenho que cá dormir esta noite, com todos os diabos.

—Que importa, disse o outro, preparando o cachimbo.

Sob o colmo branco dos cabellos o rosto do velho branquejava como o gelo e trazia sempre quasi fechados e baixos os olhos. Accendeu o cachimbo, sem olhar para o companheiro.

O moço não perdia dos olhos os blocos que passavam roçando e examinava-os attento. Uma vez tentou passar-se a um, mas logo que calcára um pé, o bloco afundou-se e desceu abaixo da superficie, mo-

lhando as botas ainda enlameadas de terra. Tentou outros, e sempre sem exito.

Havia como um campo glacial ao redor d'elles, campo gretado e fendido, mas que, ao parecer, poder-se-hia transpôr até á margem. Engano! não havia apoio nem alicerces sob aquella crosta movediça.

Já não olhavam, nem queriam saber para onde iam. Que viria depois? Renunciavam ao tempo como já haviam renunciado ao espaço. As margens do rio desappareciam na escuridão; nem mais uma luzinha ao longe; onde estavam? que podiam saber, senão que estavam n'aquella planicie infinita, branca, até ás fronteiras do ceu nocturno e escuro?! Nem a voz d'um passaro, o ladrido de um cão ou voz de homem. Nada! E comtudo ferviam, crepitavam e borborinhavam os grumos, os frustos, os blocos e os crystaes.

— Tenho que ficar n'este (disse o mais joven). Em verdade diminuiu e está muito menor, mas está mais firme que os outros todos.

E, dizendo-o, metteu a mão pela agua para verificar a grossura do bloco em que iam:

— Tem dous pés, pelo menos, de grossura.

O velho, sombrio, calado, rosnou apenas interiormente, e compôz-se com o seu lenço de xadrez, ao modo dos camponios.

— Vou tambem sentar-me, disse o joven, e, dobrando os joelhos, ficou acocorado abraçando as pernas com os longos braços em angulo:

— É curioso! disse. Não sinto o menor frio.

E em verdade não estava mais que intranquillo e um pouco inquieto, mas absolutamente sem a consciencia do perigo e das possibilidades d'essa incrivel rota.

N'um momento, porém, foram ambos sacolejados e atirados um para o outro; o bloco de gelo pendeu para um lado; os naufragos, bamboleando os corpos e unindo-se, refizeram, a custo, o equilibrio. Já lá se fôra a metade do bloco partido e o que restava era já uma pequena ilha trémula e oscillante, cujo centro buscaram, ambos agora em contacto.

O velho, immovel, cabisbaixo, puxava as

suas baforadas e ao lume do cachimbo se entrevia o rosto, sob os cabellos cahidos, o queixo sumido sob o longo nariz e os olhos quasi fechados.

O bloco que os havia abalroado, juntou-se-lhes, movel, perigoso com as suas arestas roazes que pouco e pouco comiam, a cada recontro, a ilha dos naufragos. Ao redor ferviam as migalhas d'esta perigosa destruição.

Tentou o rapaz evitar o perigo, mettendo as possantes mãos contra o inimigo, quando se approximava. Foi longa essa lucta de empuxões inuteis, de reacção contra as innumeras massas inertes que se premiam á tona d'agua e n'ellas os movimentos do luctador mais aggravavam e augmentavam a destruição do misero refugio.

—Se fossemos tres, um teria de ir ao fundo.

—Com os diabos! não te movas, fica uma vez quieto! resmungou o velho, e deu-lhe com o salto das botas nos joelhos. Cala-te! cá estava eu primeiro que tu. Vieste depois de mim. Porque não ficaste no teu pedaço de gelo?

O rapaz não respondeu cousa alguma, aterrorisado com aquella explosão de colera. Sentiu a dôr dos joelhos contusos, mas não deixou escapar um gemido. Certo era que estavam agora unidos; a necessidade havia-lhes cimentado a concordia forçada e indispensavel; e, senão, que seria de ambos?

O velho estava molhado e tremia, e o rapaz, como para aplacal-o:

—Toma, disse, toma este outro lenço para ti. És mais velho e, depois, eu, por mim, não sinto frio.

Arrebatou-o o velho, mas sem palavra de agradecimento; pôz a grossa manta de xadrez onde era o logar em que se assentava, e rosnou:

—Anda! busca outro gelo. És demais, para este. Já estava eu cá antes de ti. Este é meu! Vae-te!

—Bom! disse o moço. Se assim o queres!

E levantou-se, meneiando os braços para guardar o equilibrio.

E experimentou o fragmento de gelo proximo:

—Não, n'esse não me arrisco. Terei que saltar para onde me leve o diabo...

—N'este caso, conserva-te de pé; não ha logar para dous, assentados, disse o velho que, trémulo de frio, fallou entre dentes e rosnou ainda como um cão irado.

Soprava um vento glacial e agudo que, com as lufadas, fazia bater as roupas e obrigava os dous naufragos a enterrar os gorros até ás orelhas.

O rapaz estava de pé, de braços abertos remando no ar, equilibrando-se. Parecia engulir alguma cousa, e era a colera interior, indomavel que lhe subia, ruminando, até á garganta. Sentia o sangue ferver, bater descompassado nas temporaes. Incrivel, que o quizessem despojar d'aquelle refugio, porque fôra o ultimo a chegar, em occasião de commum afflicção para ambos. Deus do ceu! desgraça era decerto só ter ali deante de si um velho. Não foram aquelles cabellos brancos! Mas porque haviam de maltratal-o com o tacão das botas?

Temeridade seria, decerto, passar a outro fragmento de gelo, talvez fino e fragil,

sem saber se ao menor peso se abysmaria nas aguas.

Não se fallaram mais. A todos os momentos, bracejavam, moviam-se, giravam e rodopiavam em torno um do outro, cousa que seria comica se a tragedia do odio e da colera já ali não estivesse inteira.

Assobiava o rapaz contra o vento. Achava duro e cruel que já se não podesse sentar e que só ao outro coubesse essa regalia. E porque? e ainda, sentava-se o outro a toda a largura, sem lhe deixar espaço.

—Com os diabos, gritou afinal, d'esta maneira me farás cahir na agua!

—Estou muito bem onde sempre estive, resmungou o velho. Só ha logar para um. Vae-te!

E, em verdade, era sem duvida que os dous não cabiam mais n'aquelle torrão que se dissolvia e não tardava a afundar-se.

E então veio de novo ao mais moço aquelle pensamento que lhe estava a subir, irreprimivel, indomavel. Forças, mocidade, robustez não lhe faltavam. Porque, pois, não pegar d'aquelle velho, fraco e indefeso, to-

mal-o aos hombros e atiral-o de vez a outro pedaço de gelo que derivasse? Não era, afinal, o que elle queria e desejava, estar só? E se isto pensei fazer, não foi cousa e ideia que elle me ensinou a pensar? E o tacão das botas, não é ultrage?

E assobiou ainda mais forte, para abafar as ideias que já lhe pareciam visiveis e entendidas do companheiro, ideias que se sumiam e logo voltavam á tona, como em redor aquelles grumos do gelo.

E se, ao atirar, fosse o outro cahir na agua? (continuava a pensar). Podia talvez apanhar um torrão solido, podia nadar, podia emfim alcançar a margem e salvar-se e era talvez um beneficio. Afogar-se, era impossivel, no meio de tanto gelo.

E não houve mais necessidade de pensar para o rapaz, porque o pensamento, agora independente e forte, trabalhava sem elle e apesar d'elle, e vinha-o trazendo arrastado a uma decisão precisa e clara. Antes da acção, hesitava; para evitar ou illudir aquelle imperio sinistro do crime, queria sacolejar os dados, antes de lançal-os á ventura. Esperava

o momento. Quando passasse uma grande massa de gelo, forte, segura, então sim; mas não antes, friamente e sem misericordia por aquelle pobre velho.

Uma grande angustia subita o tomou: cahia-lhe, em grossos bagos, o suor da fronte. Meu Deus! nenhum crime de morte! não! que eu possa vêr sorrindo a velhinha mamã com os seus olhinhos azues, e que eu possa vêr e sorrir para a minha Irieta quando ella a mim vier com o seu avental vermelho...

E balbuciou, rezando:—Santa mãe de Deus, soccorrei e ajudae o peccador nos perigos, na vida e na morte... Santa mãe de Jesus!...

E eis que lobriga perto a massa branca de um gelo que vae passar. Não é grande, mas parece firme...

Abaixando-se, passou rapido as mãos pelo velho—mas n'este momento sentiu que se lhe cravavam no buxo das pernas as unhas de ferro da victima, formidaveis e fortes,—e o rapaz bracejando no ar como para agarrar-se a alguma cousa, crispando-se de

dôr, n'uma associação de ideias, subito, viu luzente o avental azul da mãesinha... Abriu a bocca para gritar... mas fechou-a a agua inundante e invencivel...

Notas

NOTAS

I (pag. 5)

A Tragedia de Romulo é de Ernst Lenbach, pseudonymo de E. Muellenbach. Anda na collecção dos seus contos e foi publicada pela primeira vez na revista *Vom Fels zum Meer*, 2er Band, 441 (anno de 1894), e foi este o texto que serviu á traducção. Tomei a liberdade de traduzir os nomes proprios, do contrario seria inintelligivel a historia.

II (pag. 25)

O *São Vidal*, de Gottfried Keller, encontra-se nas varias edições das obras do grande escriptor. O texto de que me servi foi o da edição de Cotta, *Das Sinngedicht* e *Sieben Legenden*, 25.ª edição, 1902.

III (pag. 65)

Os Dous Libertadores pertencem á incomparavel collecção de historias da vida dos judeus, de Carlos Emilio Franzos. O texto foi o da serie *Die Juden von Barnow*, 6.ª edição, 1899, livro sem rival no seu genero, em qualquer das litteraturas europeias.

IV (pag. 95)

Shinda-Usagi-uma, de tão leve ironia, foi publicado na interessante collecção *Kurze Geschichten*, Berlim — *Vita* — deutsches Verlagshaus, 1-10, em que escreveram Fritz Mauthner, Lud. Fulda, Hartleben, Hauptmann, Max Halbe, Arlhuer Schnitzler, Sudermann, Wildenbruch, Wilbrandt.

V (pag. 117)

Uma senhora da minha edade, é muito caracteristico do genero leve e facil de Theodoro Fontane. É do seu livro *Von vor und nach der Reise*. Plaudereien und kleine Geschichten, 2.ª edição, 1894. É este um conto que se não ageita ao titulo geral que dei á collecção — *Crepusculo dos Deuses*.

* * *

A respeito de THEODORO FONTANE escrevi o seguinte, ha cinco ou seis annos:

THEODORO FONTANE

Foi em setembro de 1898 que, pelo telegrapho, aqui chegou a noticia da morte de Theodoro Fontane.

Proximo já dos oitenta annos, emtanto Fontane não se podia dizer envelhecido. No romance ou na poesia era apontado como um dos primeiros, e elle tinha, como teem alguns dos nossos, Joaquim Nabuco e Machado de Assis, o segredo do temperamento juvenil. Successivas gerações litterarias passaram, e a todas dominou, não decerto com a tyrannia de um Hugo ou de um Gœthe, mas com a volubilidade de ideias que é o signal mesmo dos espiritos progressivos.

«*Frivol*» foi a pécha que lhe descobriram. Os homens que se conservam jovens são um pouco immoraes (no melhor sentido), porque faltam ao respeito da sua geração: excedem o nivel das alluviões periodicas que transformam o mundo, e ainda florescem e fortificam para as gerações novas.

Fontane não envelhecia.

Na poesia dedicou-se ás balladas, genero quasi germanico. As balladas primitivas dos anglo-saxões foram o assumpto preferido. Dir-se-ia um assumpto exotico, mas para elle não o era, porque Fontane conhecia tanto a Inglaterra como a propria Allemanha.

Conhecia e amava-a. Nas gazetas, e especialmente no *Jornal de Voss*, era elle quem dizia frequentemente sobre as cousas inglezas.

Os allemães, do mesmo modo que os antigos gregos, no genero da ficção, não distinguem o prosador do poeta e teem para ambos a palavra *Dichter*, que equivale ao *Poeta* dos hellenos; *Poeta*, isto é, o creador. Todos os homens que são dotados do poder creador são poetas, evocam mundos e caracteres, ou com a eloquencia symphonica da prosa, ou com a melodia simples e primitiva do verso.

Fontane possuia as duas artes, e da melodia do verso elevou-se á symphonia grandiosa do romance e da historia.

As suas balladas — *O enterro de sir John Moore* e a *James Monmouth*, são celebres.

Lembro-me de que uma vez procurei traduzir algumas das suas balladas, mas não o consegui, tanto me era difficil alcançar aquella simplicidade de sentimento e de expressão que é propria d'esse genero.

A revolução *rea-naturalista*, como lhe chamaram, de 1880, que vinha submergir o mundo, deu-lhe um raro logar na arca e foi o unico da antiga geração.

Nasceu Theodoro Fontane em 1819; ao contrario do que poderiam esclarecer-nos as nossas theorias, o poeta do velho typo prussiano *alt-preusse*, como o caracterisam os seus criticos, descendia de raça latina e de uma familia de emigrados francezes, da Gasconha e do Rhodano.

Do pae, que era gascão, alegre e expansivo, e quem melhor sabia contar anecdotas de Napoleão, herdou o filho o espirito, a malicia e as qualidades de *causeur* sem egual.

Os seus estudos foram mal cuidados e imperfeitos, e nem completou o curso dos gymnasios e de uma escola industrial que frequentou.

«Com um minimo de latim e grego, diz elle, e com algumas *tinturas* de optica, hydraulica, poetica e crystallographia, comecei a vida.»

E Fontane confessa que completou os seus estudos nas confeitarias (1), com revistas e jornaes, e quasi tudo quanto sabia devia-o a folhas como o *Freimütigen*, o *Gesellschafter* e o *Figaro*.

«E não me envergonho de dizel-o, porque minha mãe dizia que toda a sciencia de meu pae era a de um *Diccionario de Conversação*.»

A capacidade de Fontane para aprender era genial; mas prendas pessoaes facilitavam approximar-se de quem quer que fosse, de todos os que sabiam, e foi assim que veio a conhecer varias litteraturas e até entre ellas podia contar a do sanskrito, ou ao menos a poesia sanskritica, graças á amisade que grangeou de Max Müller.

«É uma fortuna ter-se amigos sabios, porque do commercio d'elles sempre se nos pega alguma cousa», escreveu quando já Max Müller, em Oxford, gosava de celebridade universal.

Por esse tempo, e até 1850, o emprego de Fontane era o de pratico de botica, e com essa improvisada profissão correu

(1) A confeitaria allemã, a *Konditorei*, que tende a desapparecer e transformar-se em *café*, é nos seus especimens legitimos, que ainda hoje existem, menos um logar de conversa e recreio que de retiro e de estudo. N'ella ha sempre uma sala povoada de frequentadores silenciosos, que lêem as revistas allemãs de arte, sciencia e litteratura. Fóra, além ou no terraço, ficam os que amam a palestra em geral, a gente commum, forasteira e cosmopolita. Entre todos os estabelecimentos de industria congenere era a *Konditorei* a unica casa séria e onde não entrava o mundo equivoco... Mas essa tradição já desappareceu um pouco por toda a parte.

varias cidades — Berlim, Lipsia e Dresda, e definitivamente se fixou em Berlim; n'essa modesta posição é que publicou pelos jornaes os seus primeiros versos, e no *Figaro* allemão publicou, aos vinte annos, o seu primeiro romance, *Amor de irmão*, obra sentimental e juvenil que não despertou o interesse dos letrados.

Mais tarde, porém, foi um dos que todos os domingos se reuniram no celebre *Tunnel* litterario, o *Tünnel unter der Spree*, aonde iam todos os poetas e litteratos do tempo — Geibel, Storm, P. Heyse, Strachwitz e Felix Dahn, e foi ahi a era dos seus triumphos, como o poeta da ballada.

* * *

Ha pouco tempo publicara Fontane, na *Cosmopolis*, um fragmento das recordações da mocidade, muito cheias de pormenores curiosos. Lembro-me por exemplo de uma anecdota que vou communicar aos leitores. Quando rebentou a revolução de 48 em Berlim, Frederico Guilherme quiz dominal-a por meios suasorios e fez pregar por todas as esquinas cartazes ao seu amado povo, concitando-o á tranquillidade e á concordia. Esse recurso não produziu effeito util e a rebellião teve de ser dominada a bala. Deu-se então a coincidencia de que n'uma esquina do velho Berlim, á porta de uma pharmacia (provavelmente a mesma onde trabalhava o poeta pelo *ganha pão*), ficou um cartaz tendo em letras garrafaes a epigraphe *Ao meu amado povo*, e logo abaixo, no logar do texto da proclamação, cravada uma grande bala de artilheria. Os gaiatos tomaram á conta o epigramma e incommodavam o boticario com essa eterna pergunta:

— Sr. doutor, quanto custa a pilula?

* * *

Com o reconhecimento da sua reputação, terminou tambem o tirocinio da vida entre os simplices e iniciou-se no jornalismo.

Passou-se a Inglaterra, d'onde foi o correspondente de varias

folhas allemãs; ainda como *reporter* acompanhou os exercitos de 64, 66 e 70-71; na França foi preso e por um anno esteve detido n'uma ilha do Atlantico, e d'esse tempo, todavia, aos cincoenta annos de edade, é que póde dizer-se começou a carreira de romancista, entrevista apenas na mocidade.

No *romance*, suas creações que pareceriam tardias, foram um novo triumpho como suas balladas na era do *Tunnel sob o Spree*. Os que menos reconheciam o merito de Fontane, diziam ter os meritos e as desvantagens dos auctores que já não são jovens. Mas aqui é para mim o caso de citar as palavras de um dos seus criticos, Gustavo Klitscher:

«Não sei d'onde vem que amo principalmente os livros dos homens velhos. Vem talvez de que tenho o meu fraco pela historia. Os homens velhos vêem a vida já como não fossem mais d'ella, com o olhar objectivo do historiador; já formaram de mil experiencias o saber da vida e parecem pairar acima de tudo quanto contam.»

Não sentem o enthusiasmo do partidario, é certo; o que lhes falta de coração sobra-lhes no *humour* e na graça.

Foi no *Tunnel sob Spree*, n'uma das sessões que se faziam aos domingos, que leu o poeta as suas balladas dos velhos *Generaes prussianos*, e principalmente aquella do velho von Zieten, o companheiro inseparavel do grande rei Fritz.

Von Zieten, o capitão
Bravo capitão de ussar...
.....
Sempre iam de par em par
Elle e o rei — raio e trovão.

Von Zieten é o terror dos inimigos pela sua tactica de ciladas e surprezas; á volta de um caminho, n'um atalho ou deveza, surprehende-os e anniquila-os. Depois d'essas batalhas e guerrilhas em que o movimento constante é a regra, conclue-se a paz,

que para o famigerado guerrilheiro é o tedio, a monotonia incoercivel. Um dia, á mesa de *Sans-Souci* falta von Zieten.

Está von Zieten dormindo
Vão-n'o criados acordar.
— Não! lhes diz o Rei sorrindo
Deixae-o em seu repousar!
Vezes mil no acampamento
Noites, noites a velar
Passou desperto ao relento...
Deixae-lhe, pois, descançar.

Von Zieten adormecido
Não ha de mais acordar,
Veio a morte ao destemido
Quando estava a resonar.
Tal, á volta da deveza
Soia aos outros guerreiar,
Veio a morte e de surpreza
Veio von Zieten matar.

A sua ballada, ou antes allegoria á morte de Gustavo Adolpho, tem grande belleza de colorido e de expressão. É uma lenda sueca de origem recente.

A ballada de James Monmouth resume a vida de um Stuart: reinar, amar e morrer no cadafalso, «dar o coração á mulher, um beijo apenas ao throno e outro á morte.» O Stuart bastardo diz como nasceu:

«Era á tarde; a brisa ondeava as searas, e elles — o rei e minha mãe — beijavam-se á sombra das tilias... Gemia a toutinegra e ao longe soava uma trompa. Assim nasci, eu, filho do crime.

«Minha mãe muitas vezes me contara a historia d'aquella luminosa tarde de estio. Diziam trémulos os seus labios: «Eu pequei!» mas nos seus olhos havia um riso de felicidade.»

Ainda outras balladas, de genero differente, são mais graciosas e quasi infantis, como por exemplo esta, que vou dar em resumo e em prosa, e que se intitula — *O Senhor de Ribbeck de Havelland*.

«O Senhor de Ribbeck, no Havelland, tem no jardim uma pereira. Chegam os dias de ouro do outomno e a fronde da arvore, em cima, em baixo e ao redor, illumina-se de luzidias peras. Sôa meio dia na torre e o senhor de Ribbeck vae enchendo os bolsos de peras. E passam as creanças. — Não queres, rapaz, uma pera? — e ás raparigas: — Chegae tambem... tenho aqui muitas peras.

«E assim passaram-se annos e annos... até que emfim o senhor de Ribbeck adoeceu. Sentiu que estava proximo o fim. Morria. Eram então novos dias de outomno e as peras luzidias illuminavam a fronde da arvore: «Adeus, disse elle! vou-me embora. Ponham-me uma pera no meu caixão». E morreu. E dias depois o enterraram entre as lagrimas dos camponezes amigos. E as creanças e as raparigas, com o coração apertado, choravam: — Agora, elle é morto! Quem nos ha de dar mais peras?

.....

«Annos e annos se passam. Do tumulo do velho senhor rebentou um germen, fez-se arvore, fez-se uma pereira; e nos dias de ouro do outomno luzem de novo as peras por toda a fronde. Chega acaso uma creança ao cemiterio e a fronde mysteriosa sussurra: — Queres, rapaz, uma pera? — E ás raparigas que chegam: — Chegae tambem... tenho aqui muitas peras.»

* * *

A ultima obra de Theodoro Fontane creio que foi a autobiographia (1), livro excellente pelas qualidades da narrativa,

(1) Sob o titulo *Von Zwanzig bis Dreissig*, Berlim, 1898. Não perdoam os puristas a Fontane o uso de peregrinismos excusados: *pardonieren, umcouren*, etc.

onde, com ironia, o *humour* e a graça, desenha os perfis da sua época.

Gœthe, no *W. Meister*, fundiu para sempre o typo das autobiographias, e nenhuma das dos seus epigonos deixará de ter as duas phases classicas dos annos de escola ou aprendizado e annos de bohemia e viagens (*Lehr* e *Wanderjahren*), em que cabem todas as vidas de homem. Na de Fontane a parte que melhor apraz é a em que conta a historia anecdotica dos cenaculos litterarios do tempo, e dos *Sete Sabios* (de que fez parte mais tarde o terrivel atheu Max Stirner) e que era uma quadrilha de *filantes*, e o *Tunnel* de que já falamos e d'onde sahiram artistas e homens politicos do futuro (1).

VI e VII (pag. 135 e 151)

Dei logar n'este livrinho a duas producções da musa satanica dos novos, dos decadentes e sececcionistas, quaes nol-os apresenta o *Jugend* de Munich. Os *Dous rivaes* são de A. Gugits e a *Morte de Pan* de Th. Kirschner, de 96 e 97 (n.º 15).

A respeito do *Jugend* escrevi de Berlim em 1897, para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, quando aquella folha appareceu:

«Não é uma *Illustração*, isto é, não tem o typo caracteristico das folhas que usualmente trazem esse nome. Parece-se mais com uma folha de *caricaturas*. Mas não é a caricatura a sua especialidade.

Os seus desenhos pertencem ao genero moderno do *plakat*, do genero decorativo do *reclame* e de todas as fórmas novissimas da pintura, o symbolismo, o pleno ar e o decadismo, de todas as extravagancias do mysticismo e *tutti quanti*.

(1) Do *Tunnel* fez tambem parte Schneider, que escreveu a *Historia da guerra do Paraguay*. Era leitor e valido do rei.

Na parte do texto as fórmulas são as mesmas da decadencia contemporanea. Verso e prosa; mythologia e religiosidade; cousas diabolicas ou santas.

Percebe-se logo no meio de tudo isto o segredo da cousa. A folha é de rapazes, dos *novos*. Como sempre, entre elles ha alguns antigos. E d'esse mixto sahe um grisalho razoavel.

O *Jugend* é além d'isso allemão e cosmopolita e timbra um pouco de parisiense — pretenção aliás de todos os bavaros.

Mas a verdade é que, pesados os defeitos e as boas qualidades, o *Jugend* é assás attractivo e interessante.

Em uma certa medida, póde-se por elle acompanhar uma das faces do movimento litterario da juventude allemã. É preciso ser-se condescendente com os seus desenhos ou artigos, sempre eivados de certo *snobismo*, com os seus versos que ás vezes ninguem entende, como succede hoje nas cinco partes do mundo.

Mas essa despeza de talento não deixou de chamar a attenção do publico, e o *Jugend*, que começou a sua carreira em Janeiro d'este anno e que não passa de uma republica de estudantes, está felizmente consolidada.

Ha no *Jugend* umas cousas admiraveis, porém intraduziveis; outras, traduziveis, mas nada admiraveis; ha emfim cousas de tom médio, menos symbolicas, que podem ser vertidas com algum sabor do original.»

Ainda que não é, nem por sombras, intenção minha dar um escorço da mais moderna phase da litteratura allemã, aqui transcrevo um artigo que escrevi ha poucos annos sobre um livro de Peter Altenberg, com a rapidez e superficialidade com que o fazem os jornalistas, ás vezes, improvisados em criticos. Ahi vae, e póde ser que tenha algum interesse:

PETER ALTENBERG (1)

É o *conto* uma das fórmas litterarias que mais se tem desenvolvido nos tempos modernos. Talvez que se ache o seu genesi na imprensa diaria. O horror natural ás grandes composições, ao *continuar-se-ha no numero seguinte*, poderia talvez originar o novo genero se já o não tivessem inventado desde os antigos tempos classicos. As multiplas occupações da vida hodierna, as viagens em trem de ferro, e todas as particulas do tempo em que está dividida a actividade dos homens de hoje, explicam o favor, excessivo talvez, que essas miniaturas do romance conseguem.

Pouco importa que os artistas d'essas pequenas historias não tenham em vista occorrer a taes exigencias do publico, a verdade continúa a ser a mesma.

Não ha razões que valham contra a «falta de tempo», que é na verdade a maior falta da civilisação.

Os *conteurs* allemães, como os de outros paizes, não constituem classe exclusiva: acham-se entre todos os litteratos, jornalistas, dramaturgos, romancistas... Toda a gente começa hoje pelo *conto*, como se começava pela poesia — porque ha de ser agora a estreia, pelo jornal ou pela revista. Mais tarde os dous peccados originaes continuam a ser commettidos, por saborosos ou por inevitaveis.

Entre os mais novos dos *conteurs* da Allemanha acha-se Peter Altenberg que, com ser excessivamente moço, revela um temperamento artistico muito definido e seguro; decerto não pertence ao numero de glorias ephemeras que luzem um momento e logo após desapparecem no olvido.

Mas é um *conteur* quasi unico na especie.

O seu livro de pequenas composições, que não sei se em verdade se póde chamar de *contos*, é pela feitura uma obra singular e excentrica.

(1) Peter Altenberg — *Wie ich es sehe* — Berlim, 1896.

Não é um romance. As partes não teem unidade, sequer egual á dos poemas de Homero. É uma serie de estudos tirados desordenadamente da pasta do escriptor; cá e lá, longe, encontra-se uma visivel relação que parece indicar que as partes se concertam em um só todo, mas isso é raro. A coordenação apenas se faz pelo scenario na maior parte das vezes: a *unidade do logar*, na trilogia antiga. Ha por exemplo impressões sentidas á margem do mar ou em um recanto da provincia; mas as paisagens succedem-se e os personagens renovam-se, e só por acaso a gente torna a encontrar uma arvore antiga ou um rosto conhecido. Algumas vezes não ha outra concatenação que a do colchete que coordenou as folhas dispersas do manuscripto.

O seu processo litterario semelha ao de um pintor que deve trabalhar os seus quadros no *atelier*, mas busca os elementos da obra artistica *au plein air*, na natureza.

Aquelles estudos parciaes, de primeiro plano, de ceu, de um trecho de agua ou de floresta, são depois fundidos em uma unica composição. Os elementos são puramente e directamente naturaes — mas a congruencia das partes, a composição emfim é essencialmente ideal.

Altenberg, porém, publica a sua obra, antes da composição, isto é, na fórma de estudos isolados, de dialogos aqui ou ali apanhados, de paisagens incompletas e mal esboçadas.

Póde-se e deve-se trabalhar em litteratura como os pintores? Não caberia aqui o conselho de Lessing, de que nunca se ha de praticar uma arte dentro de outra? e que a pintura litteraria ou a litteratura pinturesca são dous entes hybridos e disformes?

O caso de Altenberg é pouco mais ou menos esse; ao seu livro não se poderia chamar um *romance?* Decerto que não; póde, pois, ser classificado entre os de *contos*, de *esquisses*, para não dizer *esboços* que são já completos, ou cousa que o valha.

Na primeira serie de estudos que abre o livro *See Ufer* relacionam-se todos á vida de veraneio á margem de um lago. Os ricos botes, a risonha estação, o aspecto multiplo de pessoas polidas que em geral se não conhecem, o *flirt*, as pequenas miserias da gente limpa, tudo se traduz em pequeninos quadros symbolicos até que, ao fechar-se o capitulo, o verão declina e afunda-se no outono.

A transcripção de toda uma serie poderia fornecer aos leitores ideia nitida do *Wie ich es sehe*.

Na impossibilidade de fazel-o, porque iria avolumar esse estudo, extrahimos aqui uma *mancha* do fim do outono, quando a bella estação toca ao seu termo — *es geht zu Ende*.

ACABANDO-SE...
(es geht zu Ende)

«Dia de sol de outono!... Nos logares soalheiros, o calor abrasante; nos logares ensombrados, o frio das cavas subterraneas. Cheiro de folhas seccas, faro de terra humida. Sobre a relva o *colchicum* outonal põe as raias finas da coloração do heliotropo.

Libelulas bronzeadas banham-se á luz do sol.

Sobre a estrada branca entre aleas de macieiras vão em carruagem aberta o duque e o filho; sob os pés d'elles jaz, ora domesticada, uma pelle de tigre. E porque elles agora passam por perto do cemiterio lavado de sol, tiram profundamente os chapeus.

O lacaio na boleia persigna-se.

Só o gordo cocheiro fica sentado, immobilisado, no posto. E fixa a estrada branca manchada de folhas seccas.

No jardim de uma villa florescem georginas, dahlias, jaldes e rubras.

N'um banco, uma rapariga, ao sol, sonha: — Como será o córte dos vestidos de baile d'este anno! A harmonia horticola, ás dahlias, cria-as de todas as côres.

No jardim ducal ellas florescem em tufos espessos, vermelhas e amarellas, brancas e lilaz, roseas e côr de ferrugem como vinho de Bordeaux e açafrão, rosa alpina e canella...

E a carruagem entra pelo portão gradeado, de ferro, de rosetas de ouro. O lacaio salta da boleia; o duque velho e o duque moço descem. O lacaio curva-se todo...

Só o gordo cocheiro fica sentado, immobilisado, fixando a estrada branca manchada de folhas seccas.

As saponarias alvas tremem. No ar passam gralhas: *kráa! kráa...*

As georginas lá estão multicores, claras como nata, escuras como velludo.

O senhor da villa, o da alta nobreza! A elle, ainda o jardim de sol do outono, a carruagem atravez das ruas!... Para elle ainda, a embriaguez da luz de ouro do fim da estação; para elle, as gralhas — *kráa! kráa!*»

—Outra série do livro sob o titulo *Don Juan* é menos descriptiva do que a primeira; a paisagem subordina-se á psychologia. O typo de *Don Juan* apparece, mas raro se realisa no todo: vêmol-o obliquamente, de modo indirecto aqui ou ali, no campo ou na cidade, no baile, nos jantares, nas cosinhas ou nos salões —infeccionando e seduzindo a mulher feita ou mesmo os corações infantis e descuidados.

—*Sie verderben selbst Kinder von elf Jahren!* Corrompes até creanças de onze annos! diz-lhe uma vez uma voz de indignação.

Estudos ha entre os de Altenberg que mais lembram um poemeto em prosa, pela delicadeza e suavidade d'alma que os inspira.

O que se vae ler parece uma poesia traduzida:

FLIRT

Ella trazia um vestido de seda, d'esse verde-dourado da côr dos cleópteros, e dava a comer a um cavalleiro as petalas que ia desfolhando de uma rosa.

—Ambrosia! murmurava elle.

Outra vez, mais tarde, ella veio sentar-se sósinha. O vestido verde-dourado flammejava phosphorescente. E ella desfolhava ainda as petalas e não tinha a quem as dar.

E as lagrimas cahiam-lhe sobre as vestes.

—Nectar!

Descontada a pobreza que é grande no traduzir ideias e sentimentos tão subtis, percebe-se a belleza e poesia d'esse quadrinho ou d'esse *estudo*.

Um joven critico de Vienna, o sr. Adolfo Donat, acha que esses *esquisses* de Altenberg representam a fórma suprema da Arte. Eis como se exprime:

«São esses estudos como extractos de carne em pequenos vasos. Concentram vidas complexas, almas e corações inteiros. Ali estão como que comprimidas a vida e a ultima força das cousas, sem o superfluo d'ellas; e assim estão ali o essencial da terra, da melancolia, das mulheres, das creanças, da religião... Para gosal-os é preciso á gente dissolvel-os em si proprio. Nem todo o que queira o poderá. Quando experimentas esse extracto de carne, achal-o acaso saboroso? De modo algum. É preferivel a vianda como ella é com as suas superfluidades que não nutrem. O que Peter Altenberg nos offerece é a possibilidade de sabermos gozar por nós mesmos, é de desenvolvermos como que *no mar profundo da alma* a substancia nutritiva. Mas muitos não teem esse mar da alma. *(Sie haben kein Meer der Seele)* (1).»

Eis ahi um bello especimen de critica decadente muito adaptavel á obscuridade dos seus modelos. Em todo o caso creio que é excessivo exigir do leitor esse *mar da alma*, para dissolver as quintas essencias da arte escripta... Com mais um pouco um livro em branco seria uma obra prima.

(1) Na folha litteraria *Zeit u Geist*, n.º 12, 1896.

VIII (pag. 159)

A la mar! foi a expressão que escolhi para caracterisar o conto de Schmidt-Bonn. Poderia adoptar o de *Avalanche* (ou outros que a proposito d'este vocabulo estranho se tem proposto), que traduz litteralmente *Eisgang*. O texto encontra-se no livro do auctor, *Uferleute*, Berlim, 1903: admiraveis estudos da vida e das gentes do baixo Rheno.

INDICE

	Pag.
A tragedia de Romulo Augustulo	7
Vidal, o malaventurado Santo	27
Os dous libertadores	67
Shinda-Usagi-uma	97
Uma senhora da minha edade	119
Os dous rivaes	137
A morte de Pan	153
A la mar!	161
Notas	179

Ultimas Publicações

DA

Livraria Classica Editora

Ampliações photographicas, com instrucções sobre o seu retoque e uma noticia sobre projecções e micro-photographia, traducção de A. Veiga. 1 vol. . . 500

Agosto Azul, por Teixeira Gomes 500

Auto pastoril, peça em 1 acto, por Pedroso Rodrigues . 200

Cartas de Lisboa, primeira serie (1904), por C. Malheiro Dias 600

Casamento de conveniencia, peça em 4 actos e um longo prefacio, por Coelho de Carvalho 500

Como se adquire energia. Educação do espirito em geral e cura das doenças da vontade, pelo sabio allemão dr. W. Gebhardt, traducção do dr. Amilcar de Sousa. 1 vol. 600

Conselhos aos dirigidos, pelo Conde Leão Tolstoi. 1 vol. 500

Crepusculo dos Deuses, contos e historias allemães, traduzidas por João Ribeiro, da Academia Brazileira. 1 vol. 500

Crime e repressão. Psychologia criminal para medicos, jurisconsultos e sociologos, pelo dr. Aschaffenburg, traducção da edição allemã de 1903, de S. Gonçalves Lisboa. 1 vol. . . . . 1$000

Critica e fantasia. (Em Minas — Chronicas fluminenses — Notas diarias — Na Academia) por Olavo Bilac. 1 vol. 800

Da liberdade á escravidão, por Herbert Spencer, traducção prefaciada por Julio de Mattos. 1 vol. . . 200

Direito civil segundo os arestos, por Tavares de Medeiros. 1 vol. . . . . 1$000

Distribuição artistica da luz nos ateliers e nos retratos photographicos, traduzida da 8.ª edição americana, por Adalberto Veiga. 1 vol. 400

Electricidade simplificada. Exame popular da theoria da electricidade e das applicações aos usos da vida, por T. O'Conor Sloanne, versão portugueza de J. C. Carvalho Saavedra. 1 vol. com 39 gravuras 300

Encruzilhada, drama n'um acto, por M. da Silva Gayo 200

Episodio tragico (acção exodica em versos), por Flexa Ribeiro. 1 vol. 200

Felicidade pelo socialismo — *Socialismo e lucta de classe*, por C. Novel. 1 vol. 200

Fisiologia do amor, por Paulo Mantegazza, traducção do dr. Candido de Figueiredo. 1 vol. 600

Irmã Celeste, (pathologia religiosa) romance por Vieira da Costa. 1 vol. 700

Leite (O) e seus productos, por C. de Lamarche, com um appendice sobre queijos portuguezes. 1 vol. . 300

Magdalena, poemeto por Albino dos Santos 100

Manual pratico de photographia, coordenado por Adalberto Veiga, segundo as melhores auctoridades da Austria, Allemanha, Inglaterra, como sejam Ratt, Eder, Miethe, Ramsay, Arboney, Lumiere, Mendel, etc. 1 vol. illustrado. 600

Margarida Pusterla (narrativa historica) por Cesar Cantu, traducção de José Caldas. 2 vol. . . . . 1$500

Mysterios da Franc-Maçonaria, por Leo Taxil, versão do Padre Ferreira Nunes. 2 vol. com muitissimas gravuras repsesentando todas as ceremonias maçonicas 4$000

Nossa Terra, revista mensal de critica á vida e á litteratura portugueza. 1 vol. de 400 pag. 600

Padre Belchior de Pontes, romance historico original, por Julio Ribeiro. 1 vol. 600

Problema da felicidade, por P. Lombroso, traducção de J. A. Bentes. 1 vol. 600

Problemas da linguagem, complemento critico e exegetico das «Lições praticas da lingua portugueza», por Candido de Figueiredo. 1 vol. 700

Que (O) as noivas devem saber, livro de philosophia pratica, pela Condessa de Til. 1 vol. 600

Real confeiteiro português e brazileiro, copiosissimas fórmulas caseiras de dôces, colligidas por varias se-

nhoras portuguezas e brazileiras e coordenadas pela sr.ª D. Sophia de Souza. 1 vol. 700

Retoque de negativos e positivos photographicos, traduzido e adaptado por Adalberto Veiga 300

Sabina Freire, comedia em 3 actos, por M. Teixeira-Gomes. 1 vol. 500

«*Sabina Freire* é uma obra prima, é o mais estranho trabalho que ha vinte annos tem apparecido. O theatro portuguez moderno não tem nada que se lhe compare. Radia Genio.» (Dr. Fialho d'Almeida).

Sciencia da Educação, por Bain, traducção da ultima edição ingleza, por Adolpho Portella. 1 vol. . . . 1$200

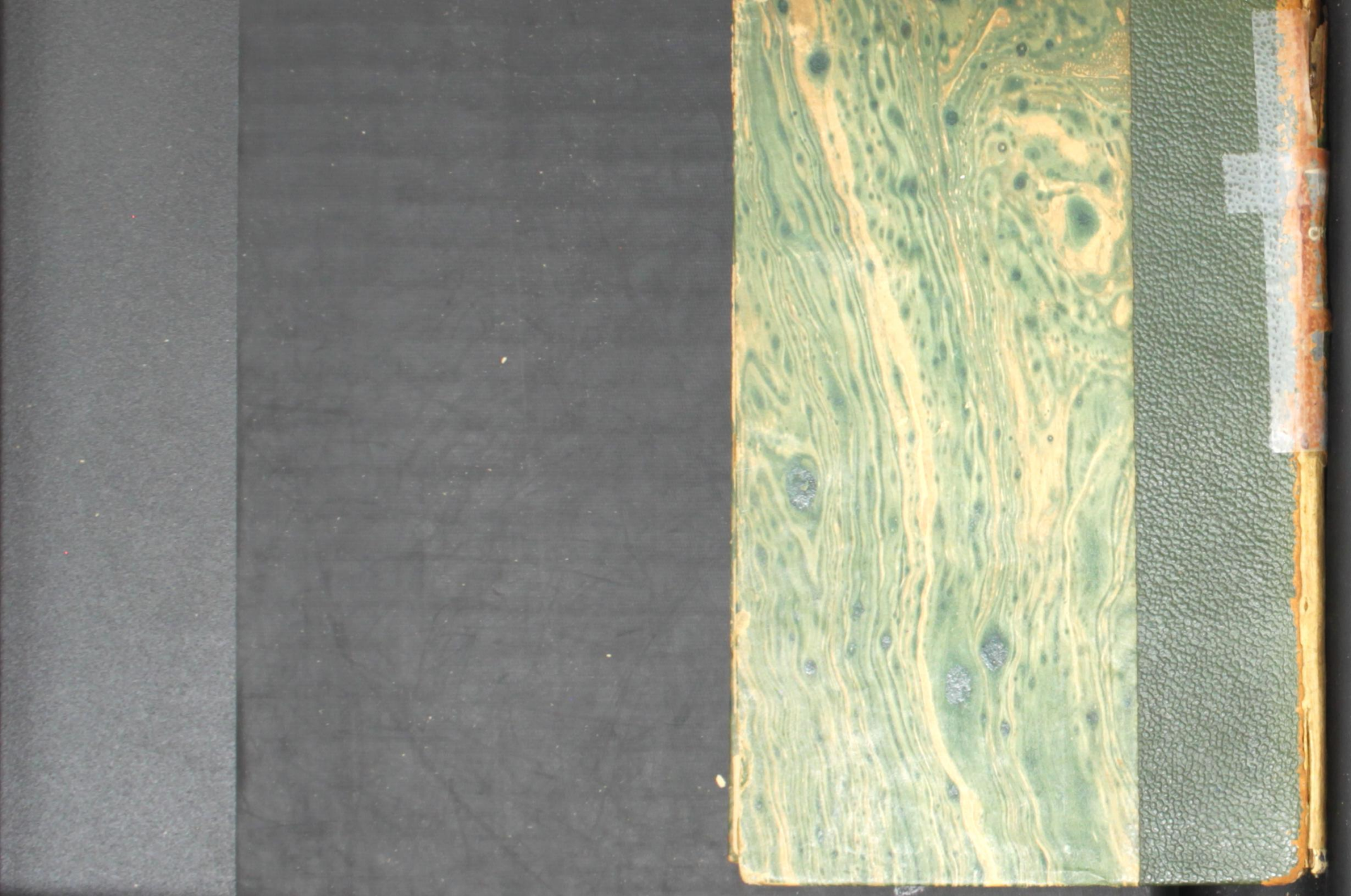
Superstição Socialista, pelo Barão R. Garofalo, traduzida e prefaciada pelo Dr. Julio de Mattos. 1 vol. . 600

Theoria da composição litteraria, por J. Simões Dias. 1 vol. 600

Ultimos crentes, romance por Manoel da Silva Gayo. 1 vol. 500

Uma vespera de feriado, peça em 3 actos, um prologo e um epilogo, em prosa e verso, por José Bruno. 2.ª edição. 1 vol. 500

Venus Geradora, por. A. Cabral, traducção de Annibal de Vasconcellos. 1 vol.. 600

Zoologia elementar, por Carvalho Saavedra, satisfazendo aos programmas das Escolas Normaes e Lyceus, illustrada com 170 gravuras intercalladas no texto. 3.ª edição revista e ampliada. 1 vol. cart. . . . . 1$000

100:000 kilos de batatas por hectare, novo systema de cultura por E. S. Bellenoux, engenheiro-chimico e agronomo. 1 vol. 300